

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**LIANA NADINE GONZALEZ PIÑEIRO**

**ARTE E DISCURSOS DO CEMITÉRIO DAS IRMANDADES DE JAGUARÃO NAS  
PRIMEIRAS DÉCADAS DA REPÚBLICA**

**Jaguarão  
2018**

**LIANA NADINE GONZALEZ PIÑEIRO**

**ARTE E DISCURSO DO CEMITÉRIO DAS IRMANDADES DE JAGUARÃO NAS  
PRIMEIRAS DÉCADAS DA REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de licenciado em história.

Orientadora: Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira.

**Jaguarão  
2018**

**LIANA NADINE GONZALEZ PIÑEIRO**

**ARTE E DISCURSOS DO CEMITÉRIO DAS IRMANDADES DE JAGUARÃO NAS  
PRIMEIRAS DÉCADAS DA REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em História da  
Universidade Federal do Pampa, como  
requisito parcial para obtenção do Título de  
licenciado em história.

Trabalho de Conclusão de Curso

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira  
Orientadora  
UNIPAMPA

---

Profa. Dra. Renata Dal Sasso Freitas  
UNIPAMPA

---

Profa. Dra. Alessandra Buriol Farinha  
UNIPAMPA

Dedico este trabalho ao meu esposo Daniel, que ao longo da minha formação esteve ao meu lado dando apoio, incentivo para que eu conseguisse vencer esta etapa da minha trajetória acadêmica.

## AGRADECIMENTO

A Deus que me deu força, energia e alegria para passar os momentos de angústia e desespero nesta trajetória acadêmica.

Ao meu esposo Daniel que foi meu maior apoio e incentivo, que nunca me deixou desistir e sempre esteve ao meu lado me ajudando e me fazendo rir, mesmo em períodos de muito estresse.

Ao amor incondicional de meus pais, Julian e Cristina, que são meus exemplos de vida, e que deram todo apoio, sempre ajudando e que, tornaram possível minha graduação.

Á meu tio avô Celestino, que sempre esteve ao meu lado, servando mate e contando suas memórias.

Ao meu irmão Maicol, que sempre me deu apoio e um ombro amigo e a minha cunhada Débora por sempre torcerem por mim. E a minha irmã Pamela, que é meu exemplo de esforço e que, mesmo longe, sempre me incentivou minha trajetória acadêmica.

Aos meus colegas e amigos que a universidade me proporcionou, em especial Nycole e Thierry, que estiveram desde o início desta jornada ao meu lado, me ajudando, incentivando e torcendo por mim. E aos demais colegas da minha turma de 2015 e também aos que não eram da minha turma, mas se mostraram grandes colegas em especial à Darlise.

Aos meus colegas do laboratório de pesquisa de história social e política, Vitor, Giovani e Nycole, por sempre se interessarem por minha pesquisa e torcerem por mim.

Á Mônica por sempre acreditar e torcer por mim e a todo o grupo de libras com o qual aprendi tanto, Katerine, Carol, Franciele e Daiely.

Aos professores do curso de história por contribuírem com minha formação, em especial a minha orientadora Cássia, por ter aceito orientar meu trabalho.

Á Dona Nilza do Instituto Histórico e geográfico de Jaguarão, que sempre disposta ajudou a encontrar as fontes que precisei.

Aos parentes, familiares, cunhadas Aline e Edna e seus esposos Julio e Sandro, por serem compreensivos nesses tempos de ausência e por sempre torcerem por mim.

A todos e todas que aturaram meus surtos de nervosismo e ansiedade durante a escrita deste trabalho e que talvez eu tenha esquecido de agradecer.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.” (Arthur Schopenhauer)

## RESUMO

Este trabalho tem como principal fonte o cemitério das Irmandades da cidade de Jaguarão, localizada no Rio Grande do Sul, Brasil fronteira com Uruguai. Os jazigos e mausoléus que serão analisados são datados do início do XX. Nesse período foram enterradas várias personalidades pertencentes ao Partido Republicano Rio-grandense de Jaguarão, até mesmo um dos presidentes do estado do Rio Grande do Sul. Este trabalho tem o objetivo de catalogar esses jazigos e mausoléus, com o intuito de compreender a forma com que os indivíduos buscavam representar sua importância, mesmo após a morte, e desta forma, perceber o discurso cultural, social e político inserido nesta paisagem cemiterial. Na primeira parte do trabalho foi feita uma revisão bibliográfica sobre a fundação do cemitérios e algumas práticas do período, em seguida com base nos conceitos de poder simbólico de Bourdieu (1992) uma análise nos lugares que ocupam os túmulos, que demonstram uma estratificação social no ambiente cemiterial de acordo com Motta (2009), logo após uma interpretação iconológica a partir dos conceitos de Panofsky (2002), com o objetivo de entender os discursos transmitidos através da iconografia e tipologia contida nos jazigos e mausoléus, na parte final, para contribuir com o entendimento sobre os discursos pós morte sobre os indivíduos analisados, foi feita uma análise em necrológicos no jornal estadual *A Federação* e no jornal municipal *A Situação*. Este tipo de pesquisa é importante para entender, como estas elites se representavam neste contexto, onde existe uma espécie de distinção tumular que ressalta a importância dada para a morte neste período, e os túmulos com a função de glorificar os mortos ilustres e eternizá-los como heróis. Considerando que o cemitério das Irmandades de Jaguarão é portador de “heróis” políticos, é que proponho entender como estes indivíduos se relacionavam com a morte, sua representação social nesse ambiente, nesse período.

Palavras-Chave: Cemitério das Irmandades, Arte, Discursos, Jaguarão.

## RESUMEN:

Este trabajo tiene como principal fuente el “Cemitério das Irmandades” de la ciudad de Jaguarão, ubicada en Rio Grande do Sul, Brasil frontera con Uruguay. Los yacigos y mausoleos que serán analizados son fechados de principios del siglo XX. En ese período fueron enterradas varias personalidades pertenecientes al Partido Republicano Rio-grandense de Jaguarão, incluso uno de los presidentes del estado de Rio Grande do Sul. Este trabajo tiene el objetivo de catalogar estos yacimientos y mausoleos, con el intuito de comprender la forma con que los individuos buscaban representar su importancia, incluso después de la muerte, y de esta forma, percibir el discurso cultural, social y político insertado en este paisaje del cementerio. Em la primer parte se realizó una revisión bibliográfica sobre la fundación del cementerio y sobre algunas prácticas del período, luego a seguir con base en los conceptos de poder simbólico de Bourdieu (1992), un análisis en los lugares que ocupan las tumbas, que demuestran una estratificación social en el ambiente cementerial de acuerdo con Motta (2009), luego se hizo una interpretación iconológica a partir de los conceptos de Panofsky (2002), con el objetivo de entender los discursos transmitidos a través de la iconografía y tipología contenida en los yacimientos y mausoleos, en la parte final, para contribuir con el entendimiento sobre los discursos post-muerte sobre los individuos analizados, se hizo un análisis en necrológicos en el periódico estadual *La Federación* y en el diario municipal *La Situación*. Este tipo de investigación es importante para entender, cómo estas elites se representaban en este contexto, donde existe una especie de distinción tumular que resalta la importancia dada para la muerte en este período, y las tumbas con la función de glorificar a los muertos ilustres y eternizándolos como héroes. Considerando que el “cemitério das Irmandades” de Jaguarão es portador de “héroes” políticos, es que propongo entender cómo estos individuos se relacionaban con la muerte, su representación social en ese ambiente, en ese período.

Palavras claves: Cemitério das Irmandades, Arte, Discursos, Jaguarão.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto entrada do Cemitério das Irmandades.....	58
Figura 2 – Foto divisão Irmandade do Sacramento.....	58
Figura 3 – Foto divisão Irmandade da conceição.....	58
Figura 4 – Foto placa acatólicos.....	58
Figura 5 – Foto diversidade arquitetônica e tipológica.....	59
Figura 6 – Foto alameda principal.....	59
Figura 7 – Foto mausoléu família Carlos Barbosa.....	59
Figura 8 – Foto Localização mausoléu de Barbosa ao lado da capela.....	59
Figura 9 – Foto coluna frustre frisado e capitel estilo coríntio mausoléu Barbosa.....	59
Figura 10 – Foto portal mausoléu Barbosa.....	59
Figura 11 – Foto interior mausoléu família Carlos Barbosa.....	60
Figura 12 – Foto PX mausoléu família Carlos Barbosa.....	60
Figura 13 – Foto cruz latina mausoléu Carlos Barbosa.....	60
Figura 14 – Foto jazigo família Augusto Leivas.....	60
Figura 15 – Foto capitel estilo coríntio e frustre frisado jazigo família Leivas.....	60
Figura 16 – Foto epitáfio Pretextato Leivas.....	60
Figura 17 – Foto casal Felisbina e Pretextato Leivas.....	61
Figura 18 – Foto coluna frustre liso com capitel estilo coríntio.....	61
Figura 19 – Foto palma e cruz jazigo família Leivas.....	61
Figura 20 – Foto homenagem do cemitério para Augusto Leivas.....	61
Figura 21 – Foto Jazigo Pedro Frederico Rache.....	61
Figura 22 – Foto capitel estilo coríntio, coluna frustre liso, jazigo Rache.....	61
Figura 23 – Foto casal Rache.....	62
Figura 24 – Foto ramo de palma, alegoria anjo, vaso vazio, cruz, flores, fogo saturo, PAX VOBIS, jazigo Pedro Rache.....	62
Figura 25 – Foto jazigo Lauriana Cândida de Moura.....	62
Figura 26 – Foto Zeferino Lopez de Moura.....	62
Figura 27 – Foto lugar foto casal, laço com flores, Jazigo Lauriana de Moura.....	62
Figura 28 – Foto colunas capitel estilo coríntio, jazigo Lauriana de Moura.....	62
Figura 29 – Foto mausoléu Gabriel Gonçalves da Silva.....	63
Figura 30 – Foto lapide fotos casal Gabriel e Celinea Marques da Silva e de seu filho Gabriel Marques da Silva.....	63

Figura 31 – Foto obelisco com flores, mausoléu Gabriel Gonçalves da Silva.....	63
Figura 32 – Foto cruz com coroa de flores, mausoléu Gabriel Gonçalves da Silva.....	63
Figura 33 – Foto capitel da coluna estilo coríntio, mausoléu Gabriel Gonçalves da Silva...	63
Figura 34 – Alegoria feminina.....	63
Figura 35 – Necrológio Carlos Barbosa .....	64
Figura 36 – Nota de falecimento Zeferino Lopes de Moura .....	64
Figura 37 – Necrológio de Augusto Cesar de Leivas.....	64
Figura 38 – Nota fúnebre Pedro Frederico Rache .....	64
Figura 39 – Nota de pesar sobre o falecimento de Gabriel Gonçalves da Silva.....	64

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>O CEMITÉRIO DAS IRMANDADES DE JAGUARÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>A fundação do Cemitério das Irmandades e práticas sociais dos primeiros tempos .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>O cemitério como lugar de discurso social, cultural, religioso e político....</b>	<b>23</b>
<b>2.3</b>	<b>Iconografia e tipologia do Cemitério das Irmandades .....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>Morte e poder simbólico .....</b>	<b>30</b>
<b>3.1</b>	<b>Os túmulos e seus locais de fixação .....</b>	<b>33</b>
<b>3.2</b>	<b>Arte e sociedade: os símbolos e seus sentidos .....</b>	<b>36</b>
<b>3.3</b>	<b>Necrológicos e memória.....</b>	<b>46</b>
<b>4</b>	<b>Considerações finais .....</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>58</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho terá como objetivo, fazer uma análise do cemitério das Irmandades, localizado na cidade de Jaguarão no Rio Grande do Sul, na fronteira com Uruguai, com base no acervo histórico sobre ele existente. A cidade de Jaguarão está localizada no extremo sul do país e tem cerca de 200 anos. Por ter uma identidade histórica, possui um grande acervo arquitetônico, que foi tombado como patrimônio histórico. O Cemitério das Irmandades, segundo Eduardo Soares (2011), teve sua fundação em 1855, em um período em que ocorreu um surto de cólera, que provocou a morte de muitas pessoas, porém sua inauguração formal somente veio a ocorrer em 1858.

O estudo dos cemitérios é de suma importância para compreender diferentes aspectos da sociedade em que ele se localiza. De acordo com Antonio Motta (2009), “uma das primeiras práticas sócio-culturais de que se tem notícia é a ocultação do cadáver como meio de preservar os vivos da decomposição de seus mortos”. Ao longo da história podemos perceber que, desde a pré-história, as sociedades humanas já enterravam seus mortos, sendo aqueles do homem de Neandertal um dos enterramentos mais antigos de que se tem conhecimento. Na antiguidade, nas primeiras civilizações, por exemplo, de Egito e Núbia, podemos perceber a importância dessas construções funerárias para essas civilizações, pois é através delas que sabemos sobre essas sociedades.

Ainda de acordo com Motta (2009), nas sociedades ocidentais, em todos os tempos, buscou-se preservar os vestígios dos mortos, e as formas de enterramento têm passado por mudanças significativas através do tempo. Grandes mudanças ocorreram no Ocidente durante a Idade Média, quando a Igreja perdeu o domínio sobre a morte e os enterramentos, o fato que transformou o cemitério em uma nova instituição social e cultural, pois com isso os sepultamentos deixaram de ser uma prática restrita às irmandades no interior das igrejas, acarretando mudanças profundas na sociedade com uma “rígida demarcação entre *metropolis* e *necropolis*”. O surgimento dos cemitérios veio a ocorrer por causa de uma preocupação com a higiene pública que surgiu na Europa, pois passou-se a acreditar que os enterramentos em áreas urbanas e dentro das igrejas difundiam miasmas e doenças maléficas à saúde da população (MOTTA, 2009:31).

Conforme Da Cruz (2014), no Brasil a igreja era responsável pelos ritos e enterramentos até o século XVIII, sendo estes dentro e ao redor da igreja. Com o início do Império, no governo de dom Pedro I, foi que se passou a proibir os enterramentos nas igrejas,

passando para as câmaras municipais a responsabilidade de cuidar dos cemitérios públicos. Ainda no século XIX, começaram a surgir as preocupações higienistas sobre a localização dos cemitérios, que deveriam ser afastados da zona urbana e em lugares altos, com isso gerando um deslocamento dos cemitérios de dentro das cidades, para lugares mais afastados da população, em prol da saúde pública.

Este trabalho utiliza como principal fonte o próprio Cemitério das Irmandades da cidade de Jaguarão. Nesse ambiente existe um conjunto de jazigos e mausoléus de diferentes períodos, que formam um patrimônio eclético, com diversos estilos. Nele foram enterrados pessoas de diferentes etnias, além de barões e várias personalidades pertencentes ao Partido Republicano Rio-grandense de Jaguarão, inclusive um dos presidentes do estado do Rio Grande do Sul.

Neste trabalho serão analisados alguns jazigos e mausoléus da primeira metade do século XX, com um estudo dos túmulos pertencentes a alguns personagens do Partido Republicano de Jaguarão, buscando entender como estes indivíduos tentavam representar sua importância, mesmo após a morte, para assim interpretar o discurso cultural, social e político contido nesse ambiente cemiterial. Para isso foi feita uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo, pois estes jazigos e mausoléus merecem um estudo mais profundo, com uma metodologia iconológica, em busca de entender e interpretar o discurso inserido nestes túmulos adornados de símbolos, que para os leigos são ininteligíveis. Levando em conta de que foi um período que havia ocorrido uma transição de um sistema de governo imperial para a República, que utilizava de uma ideologia positivista como instrumento de afirmação e reconhecimento, os fatores políticos serão fundamentais para esta análise.

Para situar o leitor sobre estes republicanos e sobre este partido: Os republicanos históricos atuavam desde 1870 na propaganda republicana. O Partido Republicano Rio-Grandense foi fundado em 1882, alguns indivíduos que fizeram parte desta fundação, “José Gomes Pinheiro Machado, Júlio de Prates de Castilhos, Joaquim Francisco de Assis Brasil e Antônio Augusto Borges de Medeiros”. A maioria eram filhos de estancieiros e formados em direito. Em 1884 o Partido Republicano conseguiu eleger o primeiro deputado para a Assembleia Provincial, Assis Brasil, antes da proclamação da república. (MARTINY, 2014: 133)

Júlio de Castilhos era conhecido como grande chefe republicano, participou da fundação do Partido em 1882 e em 1884 a fundação do jornal A Federação, no qual foi diretor, redator e escritor, este jornal era utilizado para disseminar as ideias republicanas. Em 1881 foi presidente do estado e retornou em 1893 à 1898, deixou a presidência, que foi

assumida por Borges de Medeiros que após dez anos foi impedido de se reeleger e escolhe Carlos Barbosa para ocupar seu cargo, sendo este eleito por maioria de votos contra seu adversário Fernando Abbott. (MARTINY, 2014: 134, FÉLIX, 1987:22-61, FRANCO, 2001: 131-188).

Em Jaguarão o Partido Republicano foi também fundado em 1882, tendo como presidente o médico Carlos Barbosa Gonçalves, este que ainda durante a monarquia, elegeu-se a vereador da Câmara Municipal. Após a proclamação da república teve grande influência na cidade e em cidades vizinhas, através das cartas do arquivo Borges de Medeiros, podemos perceber sua forte influência, tendo um grande número de cartas de pedidos de nomeação e de favores para com o presidente do estado. (FRANCO, 2001: 131-188)

Através das cartas do fundo Borges de Medeiros, podemos também perceber as estratégias políticas para “angariar privilégios e mover-se pela hierarquia político-social” visando conseguir cargos, privilégios, conseguir promoções, vantagens e melhor posição social para si mesmo, para seus amigos e familiares. Estes contatos com o chefe do Partido eram muito importantes para sustentar seu poder e hierarquia e aumentar sua clientela estas práticas de acordo com Carina Martiny:

As negociações entre correligionários e o líder republicano basearam-se na vontade dos primeiros em garantir melhor posição política e social, enquanto que para Castilhos e para o PRR, significava a garantias da governabilidade e a disseminação do domínio republicano no estado em um período em que os republicanos ainda não constituíam maioria numérica no Rio Grande do Sul (MARTINY, 2014: 133).

Desta forma também era importante para os chefes municipais, pois eles eram a garantia da vitória eleitoral do presidente, mas também a sua própria. De acordo com Loiva Félix (1987), estas práticas foram fundamentais para a legitimação do partido:

Consideramos que a legitimação do PRR no poder (a par de outros fatores) ocorreu porque assegurou a permanência da estrutura coronelista de poder, usando a cooptação política dos coronéis como um dos recursos fundamentais para essa legitimação (FÉLIX, 1987: 28).

A escolha da análise dos jazigos e mausoléus dos indivíduos do Partido Republicano, veio pela minha participação do laboratório de História Social e Política da Universidade Federal do Pampa e estarmos trabalhando com a transcrição de cartas do fundo Borges de Medeiros. E também pelo fato de que estes Jazigos e mausoléus ainda não tinham sido estudados nos trabalhos já existentes: um dos primeiros trabalhos foi o de Raíssa Souza de

Moura (2015), em que ela propõe um tour no Cemitério das Irmandades, focando na simbologia buscando explicar o significado destes e para facilitar o entendimento e também elabora uma tabela com alguns símbolos e seus respectivos significados (Anexo C). Também na perspectiva de uma proposta turística, o trabalho de Larissa Bittar Duarte e Daniel Luciano Geverth (2017), analisa a produção de memória e identidade na arte do cemitério das Irmandade tomando-o como um museu a céu aberto, outro trabalho também na perspectiva do turismo, é o trabalho de Charlene Brum del Puerto, Alice Leoti Silva e Gustavo Rezende Cunha (2018), este trata-se de uma pesquisa no Cemitério das Irmandades, visando uma catalogação para a elaboração de um roteiro turístico e mais um trabalho, mas este na perspectiva da história é o de Nathalia de Oliveira Affonso (2015), em que é feito uma análise da história do cemitério das Irmandades através de fontes já escritas e de relatos de uma pesquisa de campo.

Para compreender como os indivíduos buscavam representar sua importância mesmo após a morte, tomando o cemitério como principal fonte, será utilizada uma metodologia iconográfica, com um detalhamento descritivo e interpretativo dos túmulos e mausoléus analisados, em busca de significados não aparentes.

Para entender o discurso inserido nos jazigos e mausoléus, é preciso ir além de descrever os significados de alguns símbolos ali inseridos, pois é preciso entender a história, os costumes e as tradições culturais peculiares do período histórico e do grupo. Desta forma, compreender os significados que para nós muitas vezes são ininteligíveis, mas para estes fossem naturais e intrínsecos. Para isso iremos mais a fundo nos conceitos de iconografia e iconologia, seguindo os referenciais propostos por Erwin Panofsky. Para ele, a “iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em composição à sua forma” (PANOFSKY, 2002), sendo essa mais descritiva e muitas vezes estatística, já a iconologia, é mais interpretativa, e vai mais a fundo, relacionando os símbolos com o período e grupo estudado, segundo Panofsky, “a iconologia é, portanto, a descrição e a classificação das imagens”. Essa descrição e classificação da iconografia são importantes para entendermos o discurso, social, cultural, religioso e político inserido nestes jazigos e mausoléus, destes indivíduos, nesse período.

Partindo da ideia de Antonio Motta (2009), o cemitério é um lugar de reprodução simbólica do universo social. Para entender essa representação de poder simbólico nesse ambiente, utilizo dos conceitos de Pierre Bourdieu (1992) que explica essas estruturas sociais e comportamentais de determinados grupos de indivíduos, em que a cultura e os padrões sociais são representados e transmitidos por meio de símbolos e de um capital simbólico

acumulado, onde muitas vezes cumpre uma função de legitimação, reconhecimento, identificação e diferenciação, pois os túmulos e mausoléus são um desses fatores de distinção e unificação dos iguais.

A partir das atas do Clube Republicano de Jaguarão de 1882 a 1890, foram selecionados alguns personagens pertencentes ao clube e que tiveram papéis políticos na cidade, e alguns que chegaram a ser intendentes da cidade de Jaguarão, para a análise de seus jazigos e mausoléus. Os indivíduos selecionados, localizados no Cemitério das Irmandades de Jaguarão, são Carlos Barbosa Gonçalves, Augusto Cezar de Leivas, Zeferino Lopez de Moura, Gabriel Gonçalves da Silva e Pedro Frederico Rache.

Com a intenção de ampliar esse entendimento sobre o funcionamento e as práticas desse período, pretendo utilizar, ainda, alguns depoimentos de diários pessoais, que foram reunidos por Eduardo Soares e Sérgio da Costa Franco (2010) que trataremos no próximo capítulo. Por meio da escrita destes conterrâneos e viajantes que escreveram relatos sobre a cidade de Jaguarão será possível ter acesso a registros escritos, que ajudam a compreender a maneira de viver e pensar desse período. De acordo com Maria Teresa Cunha (2013) os diários são considerados documentos valiosos e importantíssimos para a compreensão da vida e de acontecimentos do cotidiano de uma sociedade de outro tempo, pois são fontes escritas que eternizam as ideias, os valores e acontecimentos que darão suporte como testemunhos para a interpretação desse mundo social e cultural desse período, nessa cidade.

O cemitério tem servido como fonte para diversos tipos de estudos, e muito utilizado em várias áreas de pesquisa (artes, sociologia, antropologia, filosofia, arqueologia), e utilizado por docentes, gestores culturais, profissionais do turismo e historiadores. Um dos primeiros trabalhos que surgiu no Brasil sobre esta temática foi o de Clarival do Prado Valladares (1972). Formado em história da arte, deixou um vasto legado material com a obra “Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros” na qual faz uma análise da arte funerária de diversos cemitérios do país. Esta obra é usada até os dias de hoje como referência para os trabalhos dessa temática. Mais adiante surge o trabalho do historiador Harry Rodrigues Bellomo, com sua dissertação intitulada “A Estatuária Funerária em Porto Alegre”, que foi defendida em 1988. Bellomo orientou, também, alguns trabalhos que construíram uma análise dos cemitérios do Rio Grande do Sul, que gerou um livro publicado com o título “Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade, Ideologia” (2000), que se tornou reconhecido como uma das maiores referências nessa temática no Brasil.

A partir da análise do trabalho desses dois estudiosos, é possível perceber a importância dessa pesquisa neste ambiente, por se tratar de um local com um rico acervo

inexplorado por esta ótica, que possui diversas questões a serem exploradas, que ainda não foram pensadas nas pesquisas já existentes. Dentre essas questões pretendo analisar as artes e os símbolos tumulares com o objetivo de compreender a mensagem passada e a forma com que os indivíduos buscavam representar sua importância, mesmo após a morte, e, a partir daí, perceber o discurso que está inserido nesta paisagem cemiterial, no qual é possível perceber questões sociais, culturais, políticas e religiosas.

Os jazigos e mausoléus que serão analisados neste trabalho são do século XX, estes estão localizados na primeira ala, que é a ala mais antiga do cemitério, está localiza-se a frente na entrada do mesmo, conforme o anexo A. Sabemos que a iconografia nesse período foi um mecanismo usado com o objetivo de conservar e fabricar lembranças sob um ideário republicano positivista. Este tipo de pesquisa é importante para entender como as elites se representavam neste contexto. Segundo Antonio Motta (2009), em *À Flor De Pedra*, existe uma espécie de distinção tumular que ressalta a importância dada para a morte neste período e aos túmulos com a função de glorificar os mortos ilustres e eternizá-los como heróis.

Partindo da compreensão de que o cemitério é um lugar de memória, conforme de Pierre Nora (1993), que reflete sobre lugares onde ela se cristaliza, há nesses espaços uma espécie de imortalização, pois os mortos são eternizados nas memórias dos vivos e, ao mesmo tempo, guardam representações de um período histórico, as quais Regina Abreu (1996), em seu livro *A Fabricação do Imortal*, analisa no contexto dos museus, e mostra que os objetos trazem informações sobre os grupos sociais, evidenciando as estratégias dos grupos a que os indivíduos pertencem. Assim também se pretende analisar o ambiente cemiterial para interpretar, através dos jazigos e mausoléus, as representações disseminadas pelo grupo social aqui analisado.

Sabemos que as sepulturas, jazigos e mausoléus são considerados lugares de memória, e estes espaços conseguem revelar a memória objetivada dos diversos grupos sociais. De acordo com o local, a grandiosidade, estilo, obras de arte e materiais utilizados, muitas coisas, como status social, posição que ocupava na sociedade, continuidade familiar e crenças, podem ser percebidas nesse ambiente. Pois de acordo com Bellomo (2000), a morte é uma representação social que petrifica a classe social, a religião e a cultura, sendo a arte funerária um elemento diferenciador que reflete a estratificação social nesse ambiente.

O Cemitério das Irmandades possui em sua maior parte símbolos cristãos e maçônicos com seus respectivos significados, mas também encontramos brasões e frases demonstrando o título aos beneméritos, coronéis e Barões, que nos trazem informações sobre o período estudado. Embora não seja portador de alegorias, estátuas e ornamentos, como no cemitério

de cidades do Rio Grande do Sul, como Porto Alegre, Pelotas e Bagé, este é uma inestimável fonte histórica portadora de vestígios do passado que conserva a memória característica da sociedade desta cidade nesse período. Sendo necessário este estudo, pois servirá com de instrumento fomentador de conhecimento sobre esse importante campo de estudos que não tem recebido devida atenção pela comunidade.

## 2. O CEMITÉRIO DAS IRMANDADES DE JAGUARÃO

### 2.1. A fundação do Cemitério das Irmandades e as práticas sociais dos primeiros tempos

O Cemitério das Irmandades<sup>1</sup> (Figura 1) está localizado numa das áreas mais altas da cidade, chamada Cerro das Irmandades. De acordo com Eduardo Soares (2011), a história deste cemitério tem início por volta de 1855, período em que houve um grande surto de *cholera morbus* na cidade de Jaguarão, que ocasionou o traslado dos restos mortais do cemitério antigo, que era localizado perto da cidade, para onde seria o novo cemitério, mais afastado da área urbanizada daquele período. Devido a essa epidemia, providências higienistas<sup>2</sup> tiveram que ser tomadas na cidade, sendo que uma delas foi a construção do próprio Cemitério<sup>3</sup>, que veio como iniciativa da Irmandade do Santíssimo Sacramento e da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição. Apesar de suas práticas de enterramento terem sido iniciadas nesse período e de o terreno ter sido demarcado em 1856, esse teve sua inauguração oficial em 1858.

De acordo com Soares (2011: 130), o padre João Themudo Cabral Diniz foi quem benzeu solenemente o cemitério e alguns dias depois veio a falecer, sendo ali enterrado, de acordo com as especificações que havia deixado escrito em seu testamento. As instituições que organizaram o cemitério dividiram-no da seguinte forma: a ala à direita pertencia à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (Figura 3), a ala à esquerda, à Irmandade do Santíssimo Sacramento (Figura 2), e, aos fundos, uma ala específica para os “acatólicos”. Essa divisão não mais existe e, de acordo com Nathalia Affonso (2015), a placa (Figura 4) que pertencia ao cemitério e dividia essa ala encontra-se no Instituto Histórico e geográfico de Jaguarão.

No livro *Olhares Sobre Jaguarão*, de Soares (2010), foram transcritos diversos diários de viajantes e conterrâneos. Em algumas dessas transcrições, aparecem relatos sobre o cemitério das Irmandades, as práticas fúnebres e festas, como a do dia dos finados. Nesses relatos, os autores descrevem a localização do cemitério, as práticas velatórias do período, a situação da rua do cemitério, geralmente em péssimas condições, e os cortejos fúnebres que atravessavam a cidade até chegar ao cemitério. Pessoas carregavam flores e velas,

---

<sup>1</sup> O Cemitério das Irmandades está localizado na cidade de Jaguarão, cidade que faz fronteira com a cidade de Rio Branco, no Uruguai, e se localiza no extremo sul do Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> De acordo com Motta, as providências higienistas surgiram na Europa, onde surgiu a preocupação sobre os enterramentos nas áreas urbanas dentro das igrejas, mas “foi a partir do corolário iluminista, baseado na laicização e secularização da vida social, somado ao progresso da medicina, que a crítica aos enterramentos *ad sanctos e ad ecclesiam* atingiu seu ponto culminante” (MOTTA 2009: 31).

<sup>3</sup> O cemitério das Irmandades de Jaguarão é uma associação particular.

acompanhados pela banda de música do terceiro batalhão e, no intervalo, as pessoas faziam um piquenique antes de voltar para a cidade, o que caracterizava um grande evento para os habitantes naquele período.

Em um dos diários, que pertencia a Carl Seidler<sup>4</sup>, ele descreve um cortejo fúnebre de uma criança que pertencia a uma distinta família da cidade de Jaguarão<sup>5</sup>, e relata que, a pedido dos pais da criança, o corpo dos oficiais do 27º batalhão foi convidado pelo padre vigário a participar das homenagens fúnebres, conforme o relato:

Havíamos levado a banda de música do batalhão e começou a tocar na rua, diante das janelas espessamente veladas, uma marcha fúnebre; cada um de nós recebeu uma vela de cera acesa, de três pés de comprimento, com a qual devíamos acompanhar o saimento, em solene lentidão, divididos em duas fileiras. Alguns soldados que se haviam aproximado por curiosidade também receberam velas dessas, para aumentar com seu uniforme e imponência do cortejo, pois também eram bons católicos (SOARES 2010: 23).

Através deste diário, podemos perceber, assim, algumas práticas relativas aos habitantes locais da época, como o fato de fazerem cortejos pomposos da casa do falecido até o cemitério, organizando, portanto, uma cerimonia fúnebre com um alto custo financeiro. Em outro diário, este escrito por Mary Pitts<sup>6</sup>, ela também cita alguns costumes na cidade de Jaguarão:

As ruas retas de Jaguarão ficavam apilhadas de gente durante todo dia. Uns a pé, outros em carruagens, todos se dirigiam ao cemitério, carregando flores, em *bouquets* pequenos ou grandes, geralmente de papel e raramente naturais. De vez em quando, uma carruagem passava com enormes grinaldas de flores roxas e longas fitas. No fundo da carruagem, ou carregado por um criado, que vinha a pé na retaguarda, havia algo como uma cesta de suprimentos para alimentação. E nos intervalos entre acender as velas ou colocar as flores no túmulos, eles espalhavam a comida na grama, como se fosse um piquenique, e se fartavam alegremente. Este ano, finados caiu em domingo (SOARES 2010: 68).

Ela também relata mais adiante que:

Um estrangeiro talvez tivesse interesse nas pequenas e esquisitas procissões que aconteciam nas ruas de Jaguarão. Mas, como eram muito comuns, quase não chamavam a atenção da população da cidade (SOARES 2010: 68).

---

<sup>4</sup> Suíço-alemão que veio para o Brasil em 1826 que tinha o cargo de alferes no exército imperial e serviu durante toda a guerra e retornou para Alemanha em 1835 (SOARES 2010: 23).

<sup>5</sup> A cidade chamava-se Serrito nesse período.

<sup>6</sup> Uma diaconisa, que veio dos Estados Unidos para o Brasil, na cidade de Porto Alegre em 1899, e veio para Jaguarão em 1902, para ser professora na escola Evangélica Mista (SOARES 2010: 68).

Com isso percebemos que o calendário social da população também era influenciado pelos costumes fúnebres, pois os mortos eram visitados em seus aniversários natalícios, aniversários de morte e no dia dos finados. De acordo com Motta (2009), por volta da segunda metade do século XIX as pessoas passam a frequentar mais o cemitério, com isso as famílias prestavam seus cultos de homenagem a seus mortos e também mantinham uma reputação de boa moral, de conduta e fidelidade. De acordo com Maria Elizia Borges: “No início do século XX, o cemitério era o local mais visitado de uma cidade. Ele oferecia a toda a comunidade a oportunidade de contato com um tipo de obra vinculada a um ideário estético da população” (BORGES, 2002: 106).

Outro diário que contém o livro *Olhares sobre Jaguarão* é o de Giovanni Palombini<sup>7</sup>, que escreveu vários relatos sobre a cidade, sobre alguns indivíduos e sobre o Cemitério das Irmandades escreveu alguns relatos sobre as obras de arte encontradas lá: “chega-se ao cemitério, que contém boas obras de arte, arquitetônicas e escultóricas”, demonstrando um dos costumes do período, em que as pessoas visitavam o cemitério para apreciar obras de arte e passear no domingo (SOARES 2010: 122).

De acordo com o diário escrito por Pedro de Castro Canto e Mello<sup>8</sup>, que escreveu sobre uma visita à cidade de Jaguarão com seu pai acompanhado de um senhor chamado de “Magalhães”. Fizeram um trajeto por volta de 1920 e, durante esse trajeto, o senhor contava algumas histórias sobre a cidade, uma delas foi sobre o cemitério, como diz o narrador “o velho Magalhães contava: - Está vendo aquele cemitério, piá? Aquilo é coisa nova. Outrora todos os enterramentos eram feitos no cemitério velho, que lá ficou pro outro lado da estrada” (SOARES 2010: 124).

Além de nos trazer a informação sobre a existência do cemitério antigo, o narrador também nos conta sobre o período do cólera-morbus que houve na cidade de Jaguarão e que ceifou a vida de muitas pessoas, inclusive a de sua própria família. Ele conta que o cemitério antigo não tinha mais lugares onde enterrar indivíduos mortos durante o surto de cólera e que, por esse motivo, um homem de grandes posses doou o terreno do “cemitério novo” sendo este murado só muito tempo depois (SOARES 2010: 124-125). Ele também conta que:

Abriram-se ali grandes valas, que ficaram atulhadas de cadáveres, cobertos apenas por uma leve camada de terra...chegavam as carroças carregadas de mortos e despejavam a carga dentro da vala, como se fosse aterro. Dizem que foi atirada nessas valas muita gente viva (SOARES 2010: 125).

---

<sup>7</sup> Um médico italiano que viajou para o Brasil e escreveu suas impressões de viagem. Os escritos sobre Jaguarão são de 1910 (SOARES 2010:114).

<sup>8</sup> Um jornalista de Porto Alegre (SOARES 2010:123).

Conta ainda que foi um período de muita tristeza, pois haviam poucos médicos para acudir a população e houve muitas mortes, “a casa em que havia defunto, estendia-se um pano vermelho à janela” e logo passava uma das carroças que andavam recolhendo os mortos e retiravam o cadáver, tinha também casos de morte de famílias inteiras, sendo assim, morrendo todos os moradores da casa, não tinha quem anunciasse, ficando ali os mortos apodrecendo. Tudo isso fez com que a cidade ficasse deserta e muitas pessoas saíssem da cidade (SOARES 2010: 126)

Através dos diários destes viajantes, temos a possibilidade de entender sobre as práticas pós morte do período, e assim perceber como funcionavam diversas práticas fúnebres e como eram organizadas as cerimônias e os funerais, além de nos trazerem informações através dos relatos, sobre o período do *cólera* e da fundação do Cemitério das Irmandades.

## **2.2. O cemitério como lugar de discurso social, cultural, religioso e político**

O cemitério é considerado um lugar em que através dos mausoléus e obras de arte é possível distinguir discursos sobre os indivíduos e sobre a sociedade do período, pois nestes são eternizados traços que demonstram características de distinção social, culturais e políticas, que não expressam coisas apenas sobre os indivíduos ali enterrados, mas principalmente representam um conjunto de pensamentos da sociedade do período. De acordo com Antonio Motta (2009):

Mesmo que se trate de evento individual, a morte impõe-se como fato social, a produzir repercussões sobre diferentes dimensões da vida humana. É que a maioria dos grupos sociais não conseguem referir-se a si mesmos, tampouco existir em sociedade, senão através das representações de sua própria unidade e continuidade, por meio de um passado comum elaborado tanto pela ajuda da memória individual quanto coletiva (MOTTA 2009: 25).

Através desta análise, podemos perceber como as elites se representavam na construção de seus jazigos e mausoléus, pois apesar de ser uma instituição particular, percebe-se as diferenças sociais através das construções, estilos, tipologia e materiais utilizados nessas construções. Como já foi dito, Antonio Motta (2009) percebe em suas pesquisas que existe uma espécie de distinção tumular que através das construções tumulares demonstram a importância que se dava à morte e às práticas em torno da morte, com objetivo de glorificar os mortos ilustres e criar memoriais para eterniza-los como heróis. Também segundo Motta:

Além da preservação da memória individual e familiar dos mortos, os cemitérios oitocentistas, com suas sepulturas individualizadas, cumpriram também importante papel na estratificação social: individualização, hierarquia, distinção, transmissão, filiação, genealogia, etc (MOTTA 2009:29).

Para entender essa representação pós-morte nos jazigos e mausoléus selecionados, tentando entender como estes indivíduos ressaltavam sua importância, utilizo uma metodologia descritiva e interpretativa destes túmulos, na busca de significados que muitas vezes passam despercebidos a nossos olhos. Será feita uma leitura interpretativa buscando entender o discurso social, cultural, religioso e político desse grupo de indivíduos, através das representações simbólicas nos túmulos, pois de acordo com Bellomo (2000):

A representação simbólica seria, então, uma forma de comunicação, em que a cultura e os padrões sociais seriam transmitidos não por meio de frases ou de palavras, e sim, através de símbolos, tais como um objeto, uma letra, uma escultura e outros (BELLOMO, 2000:98).

Da mesma forma compreendo que temos que ir além de apenas descrever os significados dos símbolos, pois deve ser analisado o período histórico, os costumes e as tradições do grupo estudado. Para isso serão utilizados conceitos de iconografia e iconologia de Erwin Panofsky, sendo a iconografia uma metodologia mais descritiva do significados dos símbolos, e a iconologia, uma metodologia mais interpretativa, que relaciona outros fatores da sociedade para uma melhor interpretação. Ainda sobre a iconografia e iconologia, de acordo com Panofsky (2002):

Ao fazer este trabalho, a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto, ela não tenta elaborar a interpretação sozinha. Coleta e classifica a evidência: a interação entre os conceitos inteligíveis e a forma visível que assume em cada caso específico. Resumindo, a iconografia considera apenas uma parte de todos esses elementos que constituem o conteúdo intrínseco de uma obra de arte e que precisam tornar-se explícitos se se quiser que a percepção desse conteúdo venha a ser articulada e comunicável (PANOFSKY 2002: 53-54).

Panofsky (2002) entende a iconologia, como uma iconografia, mas que se torna interpretativa ao invés de ficar simplesmente limitada a uma pesquisa estatística e descritiva: “Pois, se o sufixo ‘grafia’ denota algo descritivo, assim também o sufixo ‘logia’ derivado de logos, que quer dizer ‘pensamento’, ‘razão’\_ denota algo interpretativo”. Sendo o próprio historiador que deverá julgar e interpretar esses significados intrínsecos das obras, com base nos documentos encontrados sob investigação, analisando as tendências, filosóficas, a sociedade, o período, o país, o estado, e até mesmo personalidade do indivíduo (PANOFSKY 2002: 54).

### 2.3. Iconografia e tipologia do Cemitério das Irmandades

No Cemitério das Irmandades de Jaguarão há uma diversidade na iconografia, na tipologia e no estilo (Figura 5). De acordo com Motta (2009), existem três tipologias básicas nos países de religião cristã, que são os túmulos epitáfios<sup>9</sup>, túmulos horizontais<sup>10</sup> e túmulos verticais<sup>11</sup>. No cemitério de Jaguarão existem os três tipos, mas os Jazigos e mausoléus selecionados para o presente estudo são dos tipos epitáfios e verticais.

De acordo com Bellomo (2000), nas esculturas funerárias existem três principais tipologias: a tipologia cristã, a tipologia alegórica e a tipologia celebrativa. A primeira, tipologia cristã é a mais encontrada no cemitério das Irmandades, não só por se tratar de um cemitério católico, mas por ser uma ideologia da sociedade do período. A segunda tipologia, alegórica, com propósito de culto ao herói, em que as alegorias condensam vários conceitos em uma única figura, com sentimentos e com diversos símbolos. Existem algumas dessas no cemitério das Irmandades, mas nos mausoléus selecionados, apenas um deles contém alegoria. A terceira, a tipologia celebrativa, veio junto com o positivismo no século XIX, divulgado por Augusto Comte, e no Rio Grande do Sul por Júlio de Castilhos. Esse predomínio autoritário político-ideológico que permaneceu por mais de quatro séculos nas estruturas governamentais do estado, gerou uma série de túmulos monumentais, que reafirmavam valores políticos a partir de uma ideologia positivista e do culto cívico aos líderes e perpetuação de suas memórias, tendo estas duas funções: servir de sepultura, mas ao mesmo tempo celebrar a memória de vultos do mundo político, econômico, social e cultural (BELLOMO, 2000: 15-21). Esta terceira tipologia não foi encontrada no Cemitério das Irmandades, o que vem ao encontro do que Bellomo constata em sua pesquisa sobre a tipologia celebrativa em cemitérios do interior do Rio Grande do Sul:

No caso de cemitérios do interior estudados, existem poucas obras de escultura, em geral, baixos-relevo, anjos, santos, crucifixos padronizados e sagrado coração de Jesus, muitos fabricados artesanais e sem expressão artística (BELLOMO, 2000: 21).

<sup>9</sup> De acordo com Motta, o túmulo epitáfio, é “o mais antigo, consiste em pequena abertura recoberta de placa em pedra sobre o qual se apresenta o epitáfio” (MOTTA, 2009: 36).

<sup>10</sup> De acordo com Motta, o túmulo horizontal, é “comumente denominado campa-rasa, possui a dimensão do corpo humano, é recoberto por laje de pedra em toda a sua extensão, conhecendo variações diversas ao longo do tempo” (MOTTA, 2009: 36).

<sup>11</sup> De acordo com Motta, o túmulo vertical “apresenta uma morfologia mais rica e complexa, tendo como uma de suas principais características a monumentabilidade, recebendo interpretação diversificadas, como por exemplo, a morfologia de capela, de mausoléu, de monumento, etc” (MOTTA, 2009: 36).

Também foi possível perceber o grande número de mausoléus com o formato de pequenas capelas, simulando o formato de uma igreja. De acordo com Motta, isso veio a ocorrer logo após do traslado dos cemitérios de dentro das igrejas para lugares longe da cidade. Quando confinados aos cemitérios, distantes de suas casas e igrejas, a céu aberto, os mortos encontraram refúgio nos túmulos. Por isso, muitos reproduziram cenários de igrejas e de capelas, em escalas reduzidas, enquanto que outros, com morfologia laicizada, assemelhavam-se às residências de seus proprietários (MOTTA, 2009: 67).

Existem diversos estilos, arquitetura e organização nos cemitérios, os mais comuns são os cemitérios horizontais, cemitérios verticais e os cemitérios Jardins. Os cemitérios jardins, são aqueles que contêm grandes áreas verdes, árvores e gramados. Os cemitérios verticais, são aqueles organizados em gavetas verticais em que se pode acomodar mais indivíduos em menores espaços, e por sua vez os cemitérios horizontais, são aqueles mais antigos e tradicionais em que os enterramentos eram subterrâneos e em cima construções de túmulos, jazigos ou mausoléus. No cemitério das Irmandades de Jaguarão, a parte mais antiga é formada pelas construções tumulares horizontais e as mais recentes verticais. Na entrada existe uma rua principal mais larga, no centro na entrada do cemitério, e o terreno é dividido em quadras entrecortadas por pequenas ruas ao fundo da alameda principal (Figura 6), onde se encontra a capela, conforme o padrão descrito por Motta:

o esquema predominante é o da divisão em quadras regulares, entrecortadas por grandes alamedas e pequenas ruas, geralmente centradas por um cruzeiro ou capela para onde converge um eixo monumental. Nesse eixo ou no seu entorno situam-se os mausoléus mais antigos e também os ossuários, em forma de urnas ou de obeliscos, transportados das igrejas para os novos locais de enterramento (MOTTA, 2009: 73)

No Cemitério das Irmandades encontram-se algumas alegorias femininas (Figura 33), que são figuras cheias de símbolos e significados embutidos, representando mulheres que pranteiam, inclinadas ajoelhadas e até mesmo sobre o túmulo, representando sentimentos como a saudade, desolação, esperança, fé. Foi possível observar que no cemitério de Jaguarão tem algo que se diferencia de alguns cemitérios do estado, pois diferentemente dos demais, não há muitas alegorias comemorativas representando a pátria e a história ou com medalhões ou brasões, nem mesmo nos túmulos analisados. De acordo com Motta foi:

no início do século XX que a morfologia tumular e suas alegorias começaram a adquirir uma dimensão mais laicizada, inclusive com especial ênfase nas figuras femininas. É interessante notar que na *belle époque* tropical e tardia, os anjos, fiéis guardiões dos túmulos, passaram a ser representados de forma mais humana, adquirindo maior volume sob o pretexto de realçar as curvas do corpo feminino (MOTTA 2009: 85).

No Cemitério das Irmandades há diversas lápides que são iguais ou com temas repetidos, com isso percebe-se que diversos dos jazigos eram feitos de placas em médio-relevo em série e escolhidas em catálogos pelos familiares em que podiam ser combinados elementos e acrescentados detalhes decorativos, com exceção de alguns que mandavam fabricar especialmente peças únicas com grandes construções, estátuas e bustos, prática que se tornou frequente no século XX e sinônimo de distinção entre os mais ou menos providos de capital econômico, pois as famílias mais afortunadas procuravam se destacar e diferenciar (MOTTA 2009: 88).

Na análise tipológica do cemitério das Irmandades, percebemos que existem vários estilos; entre eles, neogótico, neoclássico, mas o estilo predominante é o eclético. Fato que vem ao encontro sobre o levantamento tipológico estudado por Lidiane Corrêa Ensslin (2005) sobre os prédios históricos de Jaguarão de 1870 a 1940, que tem como predominante o estilo arquitetônico do ecletismo, mas que apresenta características próprias da região. De acordo com Ensslin:

O ecletismo do século XIX não foi um acontecimento exclusivo da cultura europeia. Ele se deu no mundo inteiro, sendo que, no caso de Jaguarão, foi influenciado por fatores regionais, oriundos do país vizinho Uruguai, e da vizinha Cidade de Pelotas, que alcançou grande prestígio e importância no país, com o apogeu da produção e comércio do charque, propiciando o desenvolvimento da região (ENSSLIN, 2005: 19).

O ecletismo na arquitetura utilizou várias referências da arquitetura de diferentes épocas do passado, com o uso de uma diversidade tipológica e iconográfica. No Brasil, este estilo arquitetônico se estendeu do século XIX ao XX, e “não apresentou novidade no quesito elementos de linguagem, mas sim, foi inédito na maneira de misturar e adaptar esses elementos compositivos de distintas épocas em arranjos curiosos e múltiplos, conjugados na mesma fachada” (DE OLIVEIRA, 2015: 2-3).

De acordo com Ensslin (2005) o ecletismo foi um período em que a arquitetura buscou referências em elementos renascentistas, neogóticos, romântico, italiano e de diversos períodos da história da arquitetura, e que a arquitetura eclética era utilizada para “demonstrar o poder e o conservadorismo da sociedade da época”.

A cidade, como outras da região (Pelotas, Rio Grande, Bagé), teve sua época de grande poder aquisitivo. Seus filhos foram à Europa e de lá trouxeram muito do 'gosto', costumes e requintes para seu cotidiano. Nessa época, passagem do século, o traçado urbano se expande, os casarões, cujos proprietários estavam repletos de ideais republicanos, passaram a ser ricamente ornamentados. Outros moradores professavam a ideologia positivista que refletia um caráter mais sóbrio em suas moradias (ENSSLIN,2005: 105).

No cemitério analisado encontra-se também características da arquitetura neogótica, que também surge nos séculos XIX e XX, lado a lado com o ecletismo, pois “alguns arquitetos divididos entre escolher o neoclássico ou o neogótico, buscaram outras alternativas como a linguagem renascentista, egípcia, romântica, etc. Na arquitetura o Ecletismo é caracterizado pela junção de vários estilos numa mesma obra”, a arquitetura eclética no Brasil, também foi influenciada pela chegada da Família Real portuguesa, pois esta trouxe mudanças significantes na cidade do Rio de Janeiro em 1808. Então, de acordo com Dias, “O neogótico foi introduzido no Brasil a partir do século XIX, junto com os outros “neos” que compõem o ecletismo” (DIAS, 2008:101-109).

Além de percebermos que a tipologia da arquitetura dos prédios históricos de Jaguarão se repete nos jazigos e mausoléus do cemitério das Irmandades, também foi possível notar que a estrutura e os locais onde estes indivíduos estão colocados no cemitério é como na zona urbana. De acordo com Bellomo, “os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes locais”, muitas vezes repetindo a estrutura e organização da cidade. Assim, da mesma forma que os casarões encontram-se no centro da cidade, nas ruas principais e perto da Igreja, também os túmulos e mausoléus destes indivíduos estão nas principais ruas ou ao lado da capela.

### 3. MORTE E PODER SIMBÓLICO

A pesquisa sobre os indivíduos que estão enterrados nos mausoléus selecionados para esta análise foi sistematizada em várias etapas. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir da qual foi possível fazer a análise do acervo constituído nas visitas ao cemitério e inventariar o que era possível encontrar nos túmulos que ali existiam. A seguir, operou-se uma identificação dos jazigos e mausoléus a partir de registros fotográficos, com os quais foi realizado um primeiro levantamento dos diversos símbolos que apareciam na arte tumular do Cemitério das Irmandades. Além disso, realizou-se um levantamento de informações sobre o grupo de personagens selecionados, realizado sobre tudo nos jornais locais *A Situação*<sup>12</sup> e *O Mensageiro Católico*, e no jornal estadual *A Federação: órgão do partido republicano*<sup>13</sup>, nos quais foram localizados diversos necrológios também analisados.

A seleção dos indivíduos partiu da análise da Ata do Clube Republicano de Jaguarão de 1882 a 1890, ata da fundação do clube, na qual constam os nomes dos republicanos históricos. Selecionou-se os nomes dos indivíduos que faziam parte da diretoria deste clube. Logo após, foram encontrados os túmulos pertencentes a alguns indivíduos. Muitos não foram encontrados, talvez alguns não morreram na cidade ou foram enterrados no cemitério Municipal ou em outra cidade. Também existe a possibilidade de estarem no cemitério, mas não foram ainda encontrados, fato que se tivéssemos acesso ao livro tombo, livro de entrada ou livro de compra de jazigos do período essa busca se tornaria mais fácil. De todos os nomes da ata foram encontrados apenas cinco que serão analisados, o mausoléu de Carlos Barbosa e o de Gabriel Gonçalves da Silva e os Jazigos de Pedro Frederico Rache, Augusto Cesar de Leivas e Zeferino Lopez de Moura.

Carlos Barbosa Gonçalves nasceu no dia 8 de abril de 1851, na cidade de Pelotas, filho de Antônio Gonçalves da Silva e de Maria da Conceição Barbosa Gonçalves, mas veio ainda bem jovem para cidade de Jaguarão. Barbosa tem em sua árvore genealógica o parentesco com o “herói” republicano Bento Gonçalves da Silva, sendo este seu tio-avô. Carlos Barbosa foi um dos fundadores do Clube Republicano em Jaguarão e teve uma importante trajetória política na cidade, tendo chegado a ser presidente da província. Faleceu em Jaguarão com 82 anos, no dia 29 de setembro de 1933. Nesse tempo já vinha há alguns anos afastado da política por motivos de saúde.

---

<sup>12</sup> A Situação: jornal municipal, Fonte: Arquivo Instituto Histórico e Geográfico.

<sup>13</sup> Disponíveis online na hemeroteca nacional.

Augusto Cezar de Leivas nasceu em 16 de abril de 1854, em Jaguarão, filho de Pretextato Leivas e Felisbina d' Avila Leivas. Teve quatro irmãos Antero, Laudecena, Amália e Irineu. Augusto Leivas foi casado duas vezes: seu primeiro casamento foi com Maria Elisa, com quem não teve filhos legítimos, mas adotou sua sobrinha caçula Maria José Leivas, filha de seu irmão que acabara de ficar viúvo; e o segundo casamento foi com Eponina Soares Leivas. Leivas fazia parte do Clube Republicano e foi um dos idealizadores do partido junto com Carlos Barbosa e Manuel de Deus Dias. Teve o cargo de secretário do Partido Republicano e fez parte da primeira comissão da Câmara Municipal de Jaguarão. Foi também um grande comerciante da região, junto com seus sócios Pedro Frederico Rache e o barão Gabriel de Tavares Leite. Empreendiam a empresa Augusto Leivas e companhia e presidia a associação de comerciantes da cidade. Foi criador da “Associação protetora dos desvalidos”, “o lar de meninas” ou asilo de órfãs chamado “Felisbina Leivas”, em homenagem a sua mãe. Fazia parte da elite jaguareense e tinha grandes propriedades. Augusto Cezar Leivas faleceu com 72 anos, no dia 22 de julho de 1926 na cidade de Rio Grande, mas seus restos mortais foram transferidos em 1939 para o Cemitério das Irmandades na cidade de Jaguarão.

Pedro Frederico Rache nasceu em 1853, na cidade de Jaguarão. Filho de Silvestre Rache e Maria Rache, foi casado duas vezes. O primeiro casamento, com Belominda Lopes Rache, e o segundo casamento com Elvira Rodrigues de Faria Rache. Pedro era um dos grandes comerciantes da cidade, sócio da empresa “Leivas e companhia”, da “Rache, leite e companhia” e também empreendedor na “charqueada união”. Tinha uma linha fluvial e lacustre, que ia de Jaguarão, Santa Vitória do Palmar, Pelotas, Rio Grande, com isso, sua rede comercial se expandia mais. Em sua vida política, fez parte do partido republicano de Jaguarão desde sua ata inicial, foi intendente municipal e teve o cargo de “mordomo”<sup>14</sup> na Santa Casa de Caridade, fez parte da “Associação protetora dos desvalidos”, que prestava auxílio a pessoas menos desfavorecidas financeiramente, idealizada por Augusto Cezar Leivas. Pedro Frederico Rache faleceu em 16 de Janeiro de 1931, aos 78 anos e foi sepultado no Cemitério das Irmandades.

Zeferino Lopez de Moura, casado com Lauriana Lopez de Moura, nasceu na cidade de Herval, no dia 26 de agosto de 1856 e faleceu na cidade de Jaguarão dia 17 de setembro de 1929 com 73 anos, e teve uma trajetória política marcante na cidade de Jaguarão. Pertencia ao Clube Republicano de Jaguarão. Era proprietário de extensas frações de terras em Jaguarão, Herval e outras localidades. Suas charqueadas ficaram conhecidas como algumas das maiores

---

<sup>14</sup> Administrador dos bens de uma Irmandade.

das redondezas. Na sua trajetória política, Zeferino mantinha contato com o presidente do estado Borges de Medeiros e era representante do partido em Jaguarão, mas principalmente em Herval.

Gabriel Goçalves da Silva nasceu em 25 de junho de 1867 e veio a falecer no dia 27 de março de 1959 com 92 anos, casado com Celínea Marques da Silva. Assim como Carlos Barbosa Gonçalves, era sobrinho-neto de Bento Gonçalves da Silva. O nome de Gabriel não consta na primeira ata do Clube Republicano, mas de acordo com Soares (2010), este participou dos primeiros movimentos da formação local do Partido Republicano, foi presidente da Associação protetora dos desvalidos e também intendente local e chefe do Partido Republicano quando Carlos Barbosa se afastou para ocupar o cargo de presidente da província e continuando por muitos anos. O Coronel Gabriel Gonçalves da Silva, foi um dos grandes charqueadores do município e foi comandante da revolução quando houve o afastamento de Coronel Manuel de Deus Dias quando este se juntou ao corpo Prates de Castilhos.

Segundo Pierre Nora (1993), o cemitério é um tipo de local onde a memória se cristaliza, pois nesse ambiente existe uma espécie de imortalização, sendo considerado um memorial do falecido, o eternizado na memória dos vivos Partindo do fato de que as sepulturas, jazigos e mausoléus são considerados lugares de memória, e sabendo que estes espaços conseguem revelar a memória objetivada dos diversos grupos sociais, Nora (1993) trata, ainda, das diferenças entre a história e a memória e nos mostra que estas estão longe de serem sinônimas uma da outra.

Sobre o estudo dos lugares de memória, Nora (1993) nos diz que há dois movimentos na França, o “movimento historiográfico” com uma reflexão da história sobre si mesma e o “movimento propriamente histórico” com o término de uma tradição da memória para viver sob um olhar de uma história reconstruída. Além disso, o autor fala sobre os lugares simbólicos de memória, como os monumentos, arquivos, bibliotecas, santuários, Panthéons, museus, arco do triunfo, cemitério e outros, sendo esses lugares de memória de uma consciência comemorativa, pois essa memória não é natural ou espontânea. Sem tais lugares, os acontecimentos do passado seriam esquecidos.

Ainda para esse autor, os lugares de memória pertencem a dois domínios: “simples e ambíguos” e “naturais e artificiais”. Além disso, os lugares de memória possuem três sentidos: ao mesmo tempo, material, simbólico e funcional. Eles são constituídos por “um jogo da memória e da história” e sobre todo objeto ser digno de uma lembrança, tanto daquelas “fontes diretas”, como também as “fontes indiretas” que foram deixadas por uma

época, mas sem a intenção de que fosse usada futuramente por historiadores. Em contrapartida, se a história, o tempo e a mudança não tivessem intervindo, teríamos que nos contentar com a história dos memoriais. Com o simples objetivo de parar o tempo e bloquear o esquecimento, imortalizar a morte e materializar o imaterial, sendo apenas o que queriam seus fundadores, aos olhos de Nora (1993), seria uma derrota.

Assim, os cemitérios, as sepulturas, jazigos e mausoléus são considerados lugares de preservação da memória dos falecidos. Araújo diz que todos os túmulos são uma “forma de preservação de memória particular e coletiva dos indivíduos de uma região”, memórias estas que podem construir uma identidade cultural, sendo o cemitério o mantenedor dessas memórias e representações que testemunham e refletem as manifestações sociais, culturais e políticas da sociedade do período (ARAÚJO, 2008: 39-47). Por isso o cemitério é considerado um museu a céu aberto e que através dele é possível “reconstruir histórias das famílias tradicionais, a mobilidade social e sua mentalidade, sendo que tais aspectos são frutos da importância política e da opulência econômica das cidades” (ISMÉRIO, 2016: 23).

A seguir buscarei entender o discurso inserido nos jazigos e mausoléus destes indivíduos selecionados para análise, levando em conta o lugar de posição dos túmulos, pois estes representam uma estratificação social no espaço cemiterial. Em um segundo momento buscarei entender o discurso cultural, religioso e social do período através da arquitetura tipológica e iconográfica inserida nos túmulos e por fim uma análise em necrológios e notas fúnebres que nos ajudarão a entender o discurso social, cultural, religioso e político pós morte sobre estes indivíduos.

### **3.1. Os túmulos e seus locais de fixação**

Como já foi dito, será utilizado o conceito de poder simbólico de Pierre Bourdieu (1992), pois as construções tumulares são entendidas como uma forma de representar o poder simbólico dos indivíduos, sendo estas muitas vezes utilizadas como uma forma de se legitimar e também de reconhecimento e unificação como grupo. Um dos aspectos observados no Cemitério das Irmandades de Jaguarão foi a posição dos túmulos, sua localização numa geografia mais geral do cemitério. Para Motta:

As edificações tumulares, antes de tudo, eram para ser vistas, admiradas e reverenciadas por todos. Ao se distanciar de outros segmentos médios da população, que tinham nas *necropolis* das periferias urbanas o seu lugar de enterramentos, a burguesia afortunada da segunda metade do século XIX cultuou entre si o desejo de distinção e de individualização em espaços de sepultamento altamente segregativos, o que de praxe também se repetia em suas vivências das cidades. Assim, deveria se pautar a lógica dos espaços cemiteriais e a construção dos túmulos, que começaram

a se povoar de figuras: estátuas, fotografias e outros signos alusivos aos que ali eram sepultados (MOTTA, 2009: 36).

Para Bourdieu, a arte e a religião são estruturas simbólicas que tendem a estabelecer uma forma de controle social, pois são socialmente determinadas por um grupo e utilizadas como instrumentos de dominação e construção de uma realidade. As obras de arte e os símbolos encontrados nos cemitérios, são uma forma de comunicação e representação simbólica de uma sociedade. Ao utilizar dos conceitos de poder simbólico de Pierre Bourdieu (1992) para analisar esse poder invisível existente nesse ambiente, buscarei entender como se configura esse poder simbólico da arte cemiterial e que significações a elas foram impostas, levando em conta que o cemitério representa um resumo simbólico da sociedade daquele período, pois fazem parte dessa estrutura social estruturante, que reproduz as ideias do grupo em que está inserido. De acordo com Motta:

a principal característica é a preservação dos vestígios do morto, materializada através de construções grandiosas, decoradas com representações escultóricas e outros adereços. A presença de túmulos monumentais constituindo por excelência a afirmação de uma posse simbólica do espaço cemiterial por parte de determinados segmentos burgueses da sociedade brasileira, na segunda metade do século XIX, que reivindicaram para si suas singularidades de classe, através da recomposição dos laços familiares e, posteriormente, já nos primeiros decênios do século XX, pela progressiva individualização de seus membros, em túmulos personalizados (MOTTA, 2009: 19).

De acordo com Motta (2009), os túmulos além de representar a identidade do morto têm duas tarefas ambivalentes: a primeira, ocultar o cadáver e preservar a população da decomposição, e a segunda, uma espécie de “dispositivo simbólico de conservação e de presentificação do defunto, o que permitia restituir à família e ao grupo de amigos a imagem do falecido por meio do exercício de recordação e de memória”. O sepultamento era um marcador social distintivo que promovia exaltação e engrandecimento da memória do morto, em que lhe proporcionava um bom lugar na terra (MOTTA, 2009: 41).

não se tratava apenas de assegurar ao morto um lugar no céu, mas garantir também um bom lugar na terra, sob a proteção de uma cobertura, senão divina, familiar, para abrigá-lo das intempéries e também resguardar a imagem de conservação do corpo na memória dos vivos (MOTTA, 2009: 68).

Podemos perceber no ambiente cemiterial a existência de uma estratificação social<sup>15</sup> em que, de acordo com o autor, existem os bons lugares e os mais cobiçados que são

---

<sup>15</sup> De acordo com o dicionário online de português *Dicio*, o significado de Estratificação Social: Processo ou sistema social em que a população se distribui de maneira mais ou menos rígida, em estratos, classes e castas.

destinados aos privilegiados que podem pagar por tais lugares. No cemitério das Irmandades podemos perceber essa estratificação social, pois os mausoléus dos indivíduos que pertencem à elite jaguarense estão em lugares de destaque, nas principais avenidas. Há alguns jazigos mais simples, que talvez pertencessem a camadas economicamente menos desprovidas, que estão avizinados por esses grandes mausoléus, mas a igualdade está longe de ser expressada, pois além de não terem mais identificação, não são adornados e são construções menores. De acordo com Motta:

Como na cidade dos vivos, a desigualdade tornara-se ainda mais flagrante no espaço póstumo. Havia os bons lugares e os maus lugares. Os mais caros e cobiçados, situados nas grandes alamedas ou avenidas centrais, cuja presença era notada e admirada por todos os que chegavam ao local, eram destinados àqueles que podiam pagar mais para ter privilégio de um lugar especial e também de uma concessão perpétua, isto é, um patrimônio material transmissível como qualquer outro. Já os lugares mais recônditos, situados nas extremidades ou quadras laterais, destinava-se aos que tinham um poder aquisitivo menor, muitas vezes sem a concessão de transmissão (MOTTA, 2009: 74).

No século XX, ainda existiam aqueles que eram enterrados em valas comuns, muitas vezes enterrados junto com outros corpos e sem nenhuma identificação. Estas camadas economicamente desprovidas reivindicavam direito de individualidade do corpo em túmulos individuais, fossem simples, mas individual para o defunto e com uma sinalização identitária, (nome, data de nascimento e de morte). Por isso nos primeiros decênios do século XX, “as temidas valas comuns nos cemitérios urbanos foram pouco a pouco sendo abolidas como prática de enterramento, sendo substituídas pelas chamadas campas ou covas rasas.” (MOTTA, 2009:76). Mas os espaços de sepultamento das elites também ao mesmo tempo houve grandes modificações que de acordo com Motta:

os espaços de sepultamento destinados às elites receberam tratamento ainda mais diferenciado quanto às formas arquitetônicas e, sobretudo de Portugal e da Itália, posteriormente ficando esse trabalho a cargo das marmorarias e artesãos locais. Ciosas de seus privilégios, as camadas endinheiradas da época levariam às últimas consequências o projeto de materialização unicitária do túmulo, seja individual ou de família, influenciando por uma política de pacificação da morte que contemplava o respeito pelos rituais, individualização do luto e visitas frequentes ao cemitério (MOTTA, 2009: 76).

Também de acordo com Egiselda Brum Charão, ao falar sobre a não existência de morte igualitária diz que:

As representações da morte nos cemitérios são de ordem social, e as classes dominantes impõem suas concepções imagéticas da morte e criam uma pompa fúnebre onde são ressaltados seus valores através da glorificação de personagens e atividades específicas dessas classes (CHARÃO, 2009: 2).

Estas grandes construções cemiteriais do cemitério das Irmandades de Jaguarão, assim como as do cemitério da Santa Casa de Bagé, vieram do fato de que estavam em uma região da fronteira, onde ocorreram vários conflitos, havendo assim, o surgimento de heróis, grandes charqueadores e figuras políticas. Estas famílias tinham a necessidade de eternizarem seus “nomes em construções que pudessem demonstrar seu poderio e se constituíssem em um memorial étnico-social” (CHARÃO, 2009: 3). De acordo com Motta, os cemitérios transformaram-se em locais de poder e prestígio, em que os vivos exibiam luxuosos túmulos e mausoléus (MOTTA, 2009: 96).

### **3.2. Arte cemiterial e sociedade: os símbolos e seus sentidos**

Para entender essas representações simbólicas como uma forma de comunicação da cultura e dos padrões sociais, tendo em vista que há uma perda da compreensão destes com o passar do tempo, serão utilizados como principais referências os trabalhos de Valadares (1972), Bellomo (2000), Motta (2009) e Araujo (2008).

O primeiro mausoléu analisado foi o da família de Carlos Barbosa Gonçalves (Figura 7), liderança política local e ex-presidente do estado do Rio Grande do Sul. Seu jazigo está localizado em uma área central bem ao lado da capela do cemitério (Figura 8), demonstrando a estratificação social, pois os lugares mais caros são ao lado da capela e na avenida principal.

O jazigo passou por uma restauração e uma modificação da sua versão original, pois hoje em dia está revestido de granito rosa. De acordo com relatos, o restaurador manteve os desenhos originais, porém algumas partes dos arabescos não foram revestidas e foi isso que possibilitou percebermos que este havia sido modificado. O jazigo é um dos mais monumentais e mais cuidados do cemitério. Sua construção é em formato retangular, havendo na parte frontal um recorte simulando duas colunas de fuste frisado e capitel de estilo coríntio (Figura 9), influências greco-romanas, as quais possuíam, na Grécia, um caráter comemorativo, em homenagem a pessoas importantes, sendo entendidas como símbolo de ascensão, e tendo também o significado de força sustentadora (ARAUJO, 2008: 69).

A porta é feita de cobre e partes de vidro, no centro da porta há gravado o ramo de palma, um dos símbolos mais encontrados nos cemitérios (Figura 10), representando para o cristianismo um duplo sentido, pois traz a ideia de sofrimento e martírio por causa da morte, mas também de vitória e glória para alcançar o reino dos céus. Acima da porta está escrito com letras sobrepostas ao mármore “Jazigo da família Carlos Barbosa” (Figura 10), demonstrando característica da sociedade patriarcal do período. Mais acima encontramos

sobrepostas as letras XP (Figura 12), que são a abreviação de Cristo, em grego. No topo do jazigo há uma cruz latina (Figura 13), esta cruz é um dos símbolos mais encontrados nos cemitérios, representando o cristianismo, trazendo a ideia de morte e ressurreição de Cristo. O mausoléu tem um discurso religioso discreto, pois há apenas a utilização de alguns detalhes e símbolos cristãos, e a arquitetura do mausoléu não simula uma capela, a parte interna é adornada com pomposos castiçais e flores (Figura 11).

Além disso, há a presença de colunata do frontão, que expressa a reprodução das casas desse período, quando havia a preocupação com a privacidade, assim só a família possuía a chave e tinha acesso ao morto. De acordo com Motta:

quando surgem os primeiros cemitérios brasileiros, na segunda metade do século XIX, o que se vai notar é um crescente interesse por parte de algumas famílias em construir o próprio túmulo, nele reunindo os seus descendentes diretos, com o intuito de perpetuar a cadeia geracional. Por sua vez, o culto da memória era frequentemente motivado pelo desejo de manter presente o morto no jazigo do grupo familiar, o que, de certo modo, reinterava a idéia de ser aquele lugar a continuidade da casa ou equivalente simbólico de unidade residencial da família conjugal (MOTTA, 2009: 19).

Carlos Barbosa faleceu em 1933. Nesta época o Rio Grande do Sul vivia o fim do período positivista, mas, diferente do Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, que sofreu influências positivistas nos túmulos que pertencem a Júlio de Castilhos e a Pinheiro Machado, o túmulo de Carlos Barbosa não reflete os mesmos princípios, pois não contém alegorias femininas aproximando-se das feições humanas, expressando fé, desolação, esperança, silêncio, morte etc, como encontramos nos túmulos das personalidades políticas citadas, que tinham o objetivo da glorificação do indivíduo. Isso se deve ao fato de que Carlos Barbosa não se considerava, como seus correligionários, um positivista, o que poderia explicar tal diferença (CUNHA, 2018: 33).

Também pode ser interpretado, contudo, de acordo com Motta (2009), que “a continuidade da cidade como queriam o positivismo, fazia-se por meio da reprodução de memórias familiares, de reverências a heróis e ‘homens ilustres’, num encadeamento contínuo de gerações, cujo inexorável destino seria o túmulo.” Eternizando a memória de seus antepassados e sendo esse o motivo de que nessa época haviam tantos mausoléus e capelas familiares, estas formas tumulares faziam com que o indivíduo abdicasse de sua própria expressão romantizada e individual, para ser integrado ao grupo familiar, assim gravando em destaque na parte frontal do jazigo o sobrenome da família, gerando força ao sobrenome familiar (MOTTA 2009:102).

Construído em torno de um nome, geralmente o pai, o túmulo de família inscreve o indivíduo num passado comum, unindo-o a uma cadeia de gerações. É por isso que o morto deve abdicar parte de sua individualidade para se agregar a um nome ou sobrenome: o da família. O que prevalece nesse tipo de construção é a ideia do todo sobre as partes, buscando fortalecer laços entre os membros da família e, por sua vez, despertando nos vivos o sentimento de uma identificação comum, frequentemente relacionada a uma casa ou unidade residencial, mesmo que esta já não mais exista (MOTTA, 2009: 111).

Também de acordo com Motta, há um detalhe importante, pois neste jazigo não é apenas o sobrenome da família que está no frontão do mausoléu, mas sim o nome do pai da família, assim demonstrando que este é a principal referência dos que estão ali enterrados (MOTTA, 2009: 113). Outra característica desse mausoléu é que as lápides estão na parte interior, só podendo ser visualizadas na parte interna. Assim, a visualização fica restrita aos proprietários do túmulo, “preservando seus mortos de olhares curiosos e indiscretos” (MOTTA, 2009: 118).

Este mausoléu, além de passar a ser uma habitação familiar após a morte dos indivíduos da família, é também um local de privilégio das camadas mais abastadas em que erguiam mausoléus grandiosos para marcar sua posição de classe e sua genealogia familiar. De acordo com Motta (2009):

o gosto pelo túmulo de família passava a ser uma importante referência para as elites brasileiras urbanas, que logo se adaptaram aos novos padrões de uso e apropriação dos espaços cemiteriais públicos, assim como suas lógicas de enterramento. Depois de alguns anos de inaugurados, os cemitérios passaram a concorrer entre si pela grandiosidade e luxo que suas construções tumulares eram capazes de exibir. Cada um a seu modo tentou atrair para suas quadras de sepultamento as camadas mais afortunadas ligadas ao patronímico de velhas famílias que gozavam de prerrogativas econômicas e políticas decorrentes do comércio, da produção escravista, do latifúndio e de cargos importantes no poder público (MOTTA, 2009: 68).

O segundo jazigo analisado, pertence à família de Augusto Cesar de Leivas (Figura 14), que pertencia à elite jaguareense e ao clube republicano de Jaguarão. Augusto Leivas era respeitado pela sociedade e conhecido como humanitário.<sup>16</sup>

Na parte debaixo do jazigo está enterrada sua mãe. O túmulo é trabalhado em mármore e nas laterais há o desenho de duas colunas greco-romanas com fuste frisado e capitel de estilo coríntio (Figura 15), no centro o desenho de um manto e nele escrito o epitáfio: “Inviolável jazigo perpétuo de Felisbina D’ Avila Leivas, faleceu a 16 de maio de 1892 com 81 anos, saudoso tributo filial”. Logo acima do epitáfio estão as fotos de sua mãe e de seu pai, dando a ideia de eternizá-los como casal (Figura 17). No meio, parte do jazigo que pertence

<sup>16</sup> Informações retiradas do jornal “O Momento (RS)- 1933 a 1950” e do jornal “A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) 1884 A 1937”. Disponível na página da Hemeroteca Digital.

ao pai de Augusto Cesar de Leivas, novamente há duas colunas greco-romanas, mas estas com o fuste liso e capitel estilo coríntio (Figura 18), e no centro um escudo com o seguinte epitáfio “Inviolável jazigo perpétuo de Pretextato A. de Leivas, que faleceu a 14 de novembro de 1881, com 70 anos, saudoso tributo filial” (Figura 16) e o desenho de uma palmeira e uma cruz (Figura 19), ao redor do escudo adornado com plantas e flores que para o cristianismo possuem diferentes significados sagrados de acordo com seu tipo, estas podem ter significados individuais ou parte de um conjunto simbólico (ARAÚJO, 2008: 73).

No topo do jazigo a única homenagem concedida pela Associação do Cemitério das Irmandades, uma pedra de mármore, com a foto de Augusto Leivas, com o seguinte epitáfio, “Ao benemérito jaguarense Augusto Cesar de Leivas 1939, homenagem da A. do Cemitério das Irmandades”(Figura 20).<sup>17</sup> Com isso demonstrando a necessidade que se tinha em “retratar no mármore (o suporte mais antigo), no bronze ou no granito, aspectos da vida do morto (individualmente ou da sua família) que enunciem uma vida digna, honrada, honesta.” Esta placa contém a data de 1939, ano em que os restos mortais de Augusto Cesar Leivas foram transladados da cidade de Rio Grande para Jaguarão (CHARÃO, 2009:8).

O próximo jazigo analisado é de Pedro Frederico Rache (Figura 21). Seu jazigo está localizado no final do primeiro corredor transversal, e se destaca entre os outros por ser bem trabalhado e por ser o único em granito preto<sup>18</sup>, nas laterais duas colunas com fuste liso e capitel de estilo coríntio (Figura 22), influência greco-romana em granito rosa, no centro está sua foto junto a de sua esposa (Figura 23), as letras em bronze no formato da assinatura<sup>19</sup> e também de bronze dois ramos de palmeira, mais acima em letras grandes escrito “Pax vobis” que significa a paz esteja convosco em latim (Figura 24).

No topo do jazigo há uma das únicas alegorias femininas (Figura 24) do cemitério com essas características: um anjo agachado com as asas abertas em repouso e com a mão no rosto

---

<sup>17</sup> Por ser a única homenagem do próprio cemitério a um personagem, procurei informações sobre, e de acordo com Del Puerto, Leoti e Rezende (2018) Augusto Leivas foi um dos doadores do terreno para a construção do cemitério. “Após a cólera defasar centenas de pessoas na cidade de Jaguarão, foi proposta pelo comerciante José Alberto Portella a criação de um novo cemitério, de interesse particular. O projeto foi iniciado através de doações realizadas pelo Augusto Cesar de Leivas, Padre Themudo Cabral e o próprio José Alberto Portella, sendo destinada a Irmandade Nossa Senhora da Conceição e a Irmandade Santíssimo Sacramento, de um espaço total de 40.000 m<sup>2</sup>. Antes mesmo de sua inauguração, o cemitério já era conhecido por ser o “novo Campo Santo” e já abrigava corpos que haviam sido transladados do antigo cemitério municipal, localizado no centro da cidade.” DEL PUERTO, Charlene Brum; SILVA, Alice Leoti; CUNHA, Gustavo Rezende. Turismo no Cemitério das Irmandades em Jaguarão/RS-Brasil: um projeto de ensino para desenvolvimento do turismo no espaço cemiterial. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, 2018. p. 9.

<sup>18</sup> Os granitos com coloração preta são os mais caros do mercado.

<sup>19</sup> No jazigos temos apenas os nomes, a data de nascimento e falecimento com o passar do tempo foi perdida as informações, não sabemos se foram roubadas.

demonstrando tristeza e desolação, com traços femininos e delicados, que de acordo com Motta (2009) é uma das características da época que metamorfoseia a figura do anjo em mulher na arte funerária, com a outra mão apoia-se a uma cruz que representa a fé, do lado esquerdo um vaso vazio significando o corpo sem alma e ao lado direito um ramo de flores, nas laterais dois vasos com o fogo fátuo, “representando a perpetuação da memória” (MOTTA, 2009; ARAUJO, 2008:61).

De acordo com Motta (2009):

Mediadores entre o céu e a terra, os anjos e arcanjos adultos ocuparam posição privilegiada na decoração tumular. Suas fisionomias se alteravam em função do estado de tristeza ou de alegria que se pretendia comunicar: orar anunciadores, ora tomados pelo êxtase, de alma exultante; ora repletos de esperança, de alma liberta; ora abatidos pela desolação, e outras intermitências da alma romântica. A expressividade era também realçada pelo movimento de suas asas: em repouso, fechadas, inclinadas, semi-abertas, prestes a alçar vôo (MOTTA 2009: 86).

Esta alegoria é parecida com uma encontrada no cemitério da Santa Casa de Bagé descrita por Egiselda Brum Charão descreve em seu trabalho, tendo alguma diferença, pois neste caso é analisada a figura de um anjo com traços femininos. Mas a representação da dor e tristeza pode-se dizer que é a mesma.

Reproduz uma mulher em genuflexão sobre o túmulo demonstrando no seu pranto o lamento e a dor da perda do ente querido. A coroa de flores, indicativa de uma alegoria divina, representa a vitória da alma humana sobre o pecado e a morte. A obra não prima por uma arquitetura elaborada, observando a obra, pode-se entender que os parentes do finado tentaram expressar de forma simbólica a dor e a perda do vivente. A construção tenta retratar a dimensão da dor, através da imagem de uma mulher que, não suportando o peso, ajoelha-se sinalizando a derrota e o abatimento diante do inexorável, do inevitável: a morte (CHARÃO, 2009: 4).

De acordo com Bellomo (2000):

As alegorias funerárias aparecem desde os primeiros tempos. À medida que os anjos vão se humanizando, ganhando aparência terrena e perdendo suas características celestiais, a ocorrência das alegorias vai aumentando em número e variedade. Finalmente, os anjos quase desaparecem e passaram a predominar as alegorias. As alegorias, em geral, são figuras femininas, representadas nos padrões do acadêmico clássico, personalizando a dor, a meditação, a consolação, a saudade, a desolação, a oração, a fé, a caridade e a esperança. Assim pode-se constatar que tanto aparecem alegorias de princípios cristãos como alegorias de emoções (BELLOMO, 2000:19).

Outro jazigo selecionado pertence a Lauriana Cândida de Moura (Figura 25), esposa de Zeferino Lopez de Moura. Este jazigo foi selecionado para análise, pois não foi encontrado até então onde está enterrado Zeferino, acredita-se que talvez esteja enterrado junto a sua esposa, já que o jazigo contém a foto de Zeferino Lopez de Moura (Figura 26). O jazigo tem um formato simulando uma capela, na parte de cima uma flor, mais ao meio deveria conter a

foto do casal, mas percebe-se que a foto de Lauriana deve ter caído com o tempo e se perdido (Figura 27). A foto dos dois em um jazigo que pertence à esposa, eternizando-os como casal, e no centro das duas fotos uma espécie de laço adornado com várias flores<sup>20</sup> diferentes trazendo novamente a ideia de infinitude do amor ou prova de amor eterno, no epitáfio há o seguinte escrito, “À memória de Lauriana C. de Moura, recordações de seu esposo e filhas, nasceu a 13 de setembro de 1858 e faleceu a 15 de dezembro de 1905”, nas laterais o desenho de colunas greco-romanas com fuste frisado e capitel de estilo coríntio (Figura 28), na terceira camada o desenho de uma estrela de cinco pontas<sup>21</sup> e na última camada uma homenagem de sua família.

O jazigo de Gabriel Gonçalves da Silva (Figura 29) foi o mais difícil de identificar, pois existiam vários homônimos, mas através dos inventários pós-morte, tivemos acesso a mais informações, e assim tornou-se possível indentificar o jazigo. Em seu jazigo familiar estão enterrados seus sogros, Manoel Basilio Marques, falecido em 1906, e sua esposa Josefina Vargas Marques, falecida em 1889. O jazigo contém a foto do casal e uma homenagem de seus filhos e genros. Abaixo está o túmulo de Gabriel Gonçalves da Silva, sua esposa Celínea Marques da Silva e seu filho Gabriel Marques da Silva, que faleceu ainda jovem, com vinte e cinco anos. O jazigo contém as fotos do casal, onde podemos perceber através das roupas seu status social e a foto da formatura do filho, algo muito comum no período, registrando e eternizando a formação do indivíduo também na “tentativa de não apagar da memória aquilo que o morto representou em vida para a família e a sociedade” (BELLOMO, 2000: 71) (Figura 30). Dentro do mausoléu estão presentes alguns acessórios, colunas e vasos de mármore e, também, uma cruz trabalhada em prata. Por fora o jazigo é de alvenaria e está em estado de descuido, mas trata-se de um mausoléu amplo, com desenho nos quatro cantos, de colunas com capiteis em estilo coríntio (Figura 33), e também, nos quatro cantos, pequenos obeliscos com flores (Figura 31) e no alto do jazigo uma cruz com coroa de flores (Figura 32), que para o cristianismo significa a salvação alcançada, representando a vitória sobre as trevas e o pecado, mas também pode ser o símbolo da saudade: “A forma de representação mais encontrada é junto com a cruz, significando a fé e a saudade”

<sup>20</sup> De acordo com BELLOMO, Harry R (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000. P.104, a rosa esta ligada à ideia de amor divino e a coroa de flores à saudade. Cada flor tem um significado diferente, mas as flores utilizadas todas tinham significado relacionado com o amor.

<sup>21</sup> De acordo com o dicionário de símbolos a estrela de cinco pontas, pode ser um símbolo maçônico, símbolo da manifestação central da luz, do centro místico e da luz em meio as trevas. Também sendo assim como o número cinco, símbolo da perfeição. CHEVALIER, Jean et al. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 1994.

(BELLOMO, 2000). Percebe-se a mistura de símbolos pagãos junto aos cristãos, pois os obeliscos são influências egípcias que possuem significado do culto ao deus-sol Rá, mas ao mesmo tempo a fé da família é colocada no alto do mausoléu com a cruz e também dentro do mausoléu (ARAÚJO, 2008: 69; BELLOMO, 2000: 71).

No cemitério das Irmandades de Jaguarão há predominância de símbolos cristãos, como cruzes<sup>22</sup>, coroas de flores<sup>23</sup>, ramos de palmas<sup>24</sup>, e outros símbolos como ampulhetas aladas<sup>25</sup>, vasos vazios<sup>26</sup>, tochas<sup>27</sup>, todos com seus respectivos significados, que nos transmitem informações sobre a sociedade deste período. Embora não seja portador de grandes alegorias<sup>28</sup>, estátuas e ornamentos, é uma fonte histórica portadora de vestígios do passado, que conserva a memória característica da sociedade desta cidade nesse período. O estudo iconográfico dos jazigos e mausoléus é de considerável importância, pois servirá como instrumento fomentador do conhecimento sobre esse campo de estudos que não tem recebido devida atenção pela comunidade, quanto pela academia, pelo poder público que não tem projetos de preservação

A análise dos mausoléus selecionados tornou-se uma interpretação específica, levando em conta o contexto da região, mas principalmente da própria cidade. O fato de que cada região e localidade têm suas características e especificidades próprias, levou-me a pensar de forma especial na análise dos jazigos e mausoléus dos membros do Partido Republicano. Pois esta paisagem cemiterial advém de uma mistura de duas culturas, uma vez que Jaguarão faz fronteira com a cidade uruguaia de Rio Branco, tendo assim uma predominância da cultura portuguesa, mas também forte influência espanhola causada pelo comércio fronteiriço.

Nesse período, a cidade passava por grande desenvolvimento econômico, com as criações de gado, produção de charque e as plantações de arroz. Isso teve papel importante na economia local e refletiu na arquitetura dos prédios e também dos jazigos e mausoléus. O fato de que Jaguarão nesse período mantinha comércio com diversas localidades tanto do Brasil

---

<sup>22</sup> A Cruz: é um dos principais símbolos, representando o cristianismo, trazendo a ideia de morte e ressurreição de Cristo.

<sup>23</sup> A coroa de flores: significando a salvação alcançada ou saudade.

<sup>24</sup> O ramo de palma: também um dos mais encontrados nos cemitérios, representando para o cristianismo um duplo sentido, pois traz a ideia sofrimento e martírio por causa da morte, mas também de vitória e glória para alcançar o reino dos céus.

<sup>25</sup> A ampulheta alada: significando o tempo da vida que passa rápido.

<sup>26</sup> O vaso vazio: representando o corpo sem alma.

<sup>27</sup> A tocha de cabeça pra baixo: significando que a chama da vida se apagou.

<sup>28</sup> “Possuidoras de um carácter que ultrapassa o simples sentido das estátuas, as alegorias representam ideias abstratas, fazendo alusão à política, à religião, à moral e à sociedade. São figuras humanas personificadas, acompanhadas de símbolos. Esses símbolos possuem significados, que aliados às estátuas, passam a ter um sentido que excede sua simples acepção.” BELLOMO, Harry R (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000. P. 113.

como do Uruguai, com sua rede de comércio fluvial através do rio Jaguarão e a lagoa Mirim, fez com que houvesse grandes trocas culturais, construindo assim uma identidade cultural híbrida.

Os trabalhos que ajudaram a compor a análise foram trabalhos sobre cemitérios do Rio Grande do Sul, pois os trabalhos de fora do estado têm tipologias e iconografias específicas que não puderam ser aplicadas. Os trabalhos de Motta (2009), Bellomo (2000), Araújo (2008), Ismério (2017), ajudaram na interpretação da iconografia dos jazigos e mausoléus selecionados, pois tem características mais parecidas, mas também suas diferenças, apesar de serem pesquisas de cemitérios que passaram pelo mesmo contexto sociopolítico.

Diferentemente das análises de Bellomo (2000), Ismério (2017) e Araújo (2008), os túmulos aqui analisados não possuem características positivistas em seus epitáfios, em estilo, na arquitetura, também não possuem as grandes alegorias, que de acordo com Bellomo, são as estátuas que “representam ideias abstratas, fazendo alusão à política, à religião, à moral e à sociedade, representando as virtudes teológicas e sentimentos”. Chama a atenção a ausência de elementos positivistas em um município com predominância do Partido Republicano, caracterizado pelo recurso às ideias de August Comte, sobretudo na análise dos túmulos de indivíduos pertencentes aos quadros desse partido no município.

Os mausoléus que foram selecionados para a análise têm diferentes estilos, como pode-se perceber nas fotos, alguns têm referência ao neogótico, neoclássico, mas principalmente estilo eclético, sendo este último um dos estilos mais predominantes na Primeira República.

No que se refere ao discurso social, nesta análise também podemos perceber a estratificação social no ambiente cemiterial, pois percebe-se uma hierarquia, em que os que têm menor capital econômico são enterrados no cemitério municipal ou em jazigos menores e mais simples, sem tantos adornos e materiais caros, fato este que gera uma desigualdade social pós-morte. Estes jazigos e mausoléus analisados têm diversos elementos de decoração e foram construídos com materiais nobres, desta forma, utilizavam de seu poder simbólico, poder econômico e seus escravos para formar seus estilos de vida exclusivos, ostentando através de seus bens, imóveis e mausoléus que diferenciava-os como classe social.

A localização dos túmulos nas alamedas principais buscam marcar o prestígio social e econômico. Nesse período foram edificadas exuberantes mausoléus que pertenciam às classes dominantes. De acordo com Bellomo, “a morte igualitária só existe no discurso, pois na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As projetam nos cemitérios seus valores, suas crenças, estruturas socioeconômicas e ideologias”(BELLOMO, 2000:13).

Um dos fatores culturais analisado, e que pelo visto repete-se até os dias de hoje, refere-se à foto nos jazigos analisados, são fotos que retratam os indivíduos ainda em vida, diferente de algumas do século XIX, que retratam os indivíduos em seu leito de morte com fisionomias desfiguradas. Estas, já da primeira metade do século XX, os familiares puderam ter a escolha de eternizar a imagem de seus familiares com fotos que demonstram até mesmo a classe social do indivíduo. Outro fator que me chamou a atenção, foi que através das datas de nascimento e de morte que estão gravadas nos jazigos e mausoléus percebe-se a perspectiva de vida destes indivíduos. Foram indivíduos que tiveram uma vida longa, em um período em que muitos morriam de doenças e epidemias. Estes, como classe privilegiada, com mais acessos a medidas preventivas de saúde viveram uma média geral 80 anos de idade.

Sobre o discurso religioso inserido nos túmulos analisados, existe a presença de representações da temática cristã, mas são muito sutis. Não há presença de estatuário de santos, Virgens Marias, o Cristo. Tanto nos símbolos quanto nos epitáfios não se vê inscrições sobre vida eterna ou descanse em paz, assim não demonstrando o credo cristão. Da iconografia cristã foram encontradas cruzes em quatro dos túmulos analisados, outro símbolo cristão encontrado foi a palma, estando presente em três dos túmulos, um anjo, uma estrela, PX, e diversas flores. Apesar de serem símbolos sutis, podemos perceber como estes representavam a sua religiosidade cristã, através da simbologia cemiterial.

A cruz é até hoje um dos principais símbolos cristãos, nela está a crença e a fé dos princípios cristãos, que é a morte e a ressurreição de Cristo. A cruz é um símbolo que expressa algo especial sobre a morte e o sofrimento, pelo fato de a crença afirmar que Jesus morreu na cruz e depois ressuscitou, assim representando o triunfo de Cristo sobre a morte, também tomando-se como símbolo da vida eterna (BELLOMO, 2000: 101).

Os ramos de palma, também um dos símbolos mais encontrados, de acordo com Bellomo (2000), “têm um significado muito difundido de vitória e alegria, mas para concepção cristã, estão associados à ideia de paz, vida eterna e ressurreição.” Pode ter também um duplo sentido, pois pode significar a o sofrimento por causa da morte, mas ao mesmo tempo a vitória e a glória de se alcançar o reino dos céus (BELLOMO, 2000: 102).

As flores, foram encontradas em três dos jazigos analisados, mas no cemitério em geral o que mais se vê são flores em baixo relevo nas lapides de mármore. As flores podem ter vários significados diferentes, de acordo com a espécie e com a cor, e até mesmo como a forma que está representada: viva, murcha, brotando ou com o galho quebrado. A forma mais representada foi em forma de coroa, que, para o cristianismo, tem o significado da salvação alcançada. Mas também é utilizada constantemente nos funerais como símbolo da saudade,

assim sendo utilizada nos mausoléus junto com a cruz, representando a fé e a saudade (BELLOMO, 2000: 104).

O símbolo PX foi encontrado em dois dos mausoléus analisados, mas também foi bastante encontrado em outros túmulos do cemitério. Esta é a representação de duas letras gregas usadas como abreviação da palavra Cristo ou messias em grego, “estas iniciais gregas aparecem representadas de duas formas: junto à cruz, associando a fé ao Messias, ou então gravadas numa espécie de portal que envolve a cruz” (BELLOMO, 2000: 107).

A estrela de cinco pontas, encontrada em um dos jazigos analisados, mas também encontrada em diversos mausoléus que estão no cemitério das Irmandades, tem diferentes significados para os cristãos. Um dos significados é que seja a representação do próprio Cristo, já que na bíblia ele se apresenta como estrela da manhã (BELLOMO, 2000: 110).

Podemos perceber muito sutilmente alguns símbolos maçons em um dos túmulos, mas de acordo com Bellomo (2000), “o símbolo faz parte dos segredos maçônicos, e ao maçom cabe lê-lo e interpretá-lo, retirando do mesmo o aprendizado”.

### **3.3. Necrológios e memória**

Através dos necrológios e notas fúnebres dos indivíduos cujo os túmulos foram analisados neste trabalho, é também possível entender a representação dos discursos pós-morte nos jornais publicados pela imprensa na primeira metade do século XX, para assim entender as práticas sociais e culturais diante da morte nesse período. Os necrológios que serão analisados são de indivíduos que pertenciam ao Partido Republicano Jaguarense e à elite jaguarense, dessa forma, o discurso social, cultural e político pode ser percebido através dos discursos e homenagens fúnebres, com considerável carga simbólica. A partir dessas fontes jornalísticas podemos entender diversas práticas diante da morte e pós-morte que revelam as ideologias de classe dominante, ideologias políticas, culturais e religiosas desse grupo, nesse período.

Sabemos que todos nós um dia iremos morrer. Aliás, diz-se que a única certeza que temos nesta vida é que um dia morreremos. Mas existem diversas formas de morrer, e estas estão condicionadas às realidades do grupo cultural, social e religioso a que pertence o indivíduo. Nesta análise dos necrológios de periódicos do início do século XX, foram selecionados alguns textos, no jornal *A Federação: Orgam do partido Republicano do Rio*

*Grande do Sul*, encontrado na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, e principalmente no acervo dos jornais *A Situação* que estão no Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

. Esse tipo de documentação foi uma excelente fonte de pesquisas, pois contém diversas informações sobre tais indivíduos, como data de nascimento, data de falecimento, formação, filiação a irmandade, atividade profissional, nome da esposa, nome dos filhos e até mesmo a investidura política. Contudo, na coleta de informações nestes necrológios deve-se ter certo cuidado, pois a imprensa possui uma carga simbólica e ideológica de determinado grupo e de determinado tempo (NORONHA, 2012). Podendo assim entender as práticas sociais, culturais, religiosas e políticas do período estudado, levando também em conta, o período histórico e o grupo social e político a que pertencem os indivíduos selecionados, baseando-se nos vestígios deixados pela imprensa jornalística nos necrológicos e homenagens fúnebres, com o objetivo de entender as práticas e representações da imprensa nas homenagens, assim como as reflexões sobre a morte destes indivíduos no período estudado.

Os necrológios, na maioria das vezes, são publicados pela imprensa no dia seguinte da morte do indivíduo. O formato da publicação depende da importância do personagem para a sociedade da época, pois alguns são publicados em pequenos quadros apenas avisando sobre a morte, outros, intermediários, que trazem informações sobre a realização da missa, cortejo fúnebre e local onde seria enterrado, e os maiores destinados a pessoas com maior capital social, que contêm uma pequena biografia do falecido. Em alguns casos o jornal publica também homenagens alguns dias após a morte, após os sete dias, trinta dias ou em aniversários de morte. Estes textos de homenagem evocam a memória do falecido e dedicatórias que reforçam a importância do indivíduo para cidade ou para o estado e o tamanho desses necrológios publicados na imprensa local ou do estado, vão depender do acúmulo de capital simbólico que o indivíduo tenha carregado durante sua trajetória de vida.

Em 23 de setembro de 1933, faleceu Carlos Barbosa Gonçalves, na cidade de Jaguarão. Como já foi dito, Carlos Barbosa fazia parte da elite jaguareense, era chefe do Partido Republicano e foi presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Seu necrológio foi publicado dois dias após a sua morte (25 de setembro de 1933), no jornal *A Federação: O Orgam do partido Republicano do (RS)*, pois, de acordo com a nota do jornal, quando foi recebido o telegrama de aviso de sua morte já havia se encerrado o expediente de trabalho daquele dia.

O necrológio de Carlos Barbosa não é uma biografia de sua vida como médico ou a descrição de sua trajetória familiar, mas sim uma homenagem à sua atuação política local e no

Estado. Demonstra também na escrita, ao refletir sobre a morte, com um discurso de luto e tristeza, mas ao mesmo tempo romântico. Logo no início, o texto escrito demonstra a dificuldade de notificar a dolorosa notícia da morte de Carlos Barbosa Gonçalves. O discurso sobre sua trajetória política é adornado com muitos adjetivos que homenageiam a memória do indivíduo republicano que acabara de falecer. Os adjetivos são utilizados desde o início quando é dado o aviso “faleceu inesperadamente o venerável e benemérito (...)”, trazendo um sentido de reverência e respeito através da palavra "venerável", e "benemérito" significando aquele que é digno de honras, homenagens, aplausos, pois contribuiu com serviços em benefício de uma causa. Outros adjetivos utilizados no decorrer do texto referem-se à sua carreira política como “brilhante e fecunda” e "sem um momento de vacilação”, “tenacidade” e “figura mais ilustre da política local”, palavras que expressam a pompa e qualidades particulares de perseverança e sacrifício.

Sabemos que a imprensa jornalística tinha diversos usos além do partidário e publicitário, também atendendo as necessidades do cotidiano dos indivíduos, informando a população de chegadas e saídas de embarcações, anúncios de eventos, e era usada até mesmo como instrumento pedagógico onde eram publicados padrões de comportamento para a população. Além disso, havia notícias sobre enfermos, avisos sobre o estado de saúde dos enfermos. Há também no caso do Carlos Barbosa, homenagens no jornal local *A Situação*, que foram publicadas durante todo o mês posterior à sua morte e biografias suas em primeira página e em página inteira, elogiando-o como cidadão e político. Também há publicações de agradecimento da família de Carlos Barbosa, aos que acompanharam o sepultamento e enviaram flores e expressões de pesar transmitidas por cartões e telegramas.

Outro necrológio analisado, também publicado no jornal local *A Situação* de setembro de 1929, saiu como uma nota de aviso do falecimento do “digno conterrâneo, o velho republicano Sr. Cel. Zeferino Lopez de Moura”. O texto inicia falando de sua influência política em Herval e fala sobre o “pesar causado na cidade, apesar de que todos soubessem do estado de saúde gravíssimo em que se encontrava”. Neste necrológio também há informações sobre a cerimônia de sepultamento, e nome das filhas que encomendaram os serviços fúnebres e, ao finalizar, o jornal transmite os sentimentos e pêsames aos familiares.

Outro necrológio de Zeferino foi encontrado no jornal *Mensageiro Católico* de 1929, um mês após a sua morte. O texto inicia com a seguinte frase: “18 do mês passado faleceu com todos os confortos religiosos o Sr. Zeferino Lopez de Moura”, no necrológio não fazem homenagens ao indivíduo, nem fazem uma biografia de sua vida social ou política, mas relatam como foram pomposas as práticas velatórias, “proporcionando-lhe todos os sufrágios

possíveis, mandando rezar um terço na câmara mortuária”, sendo contratado o acompanhamento da residência até a igreja onde sucedeu a missa de corpo presente e também o acompanhamento da igreja ao cemitério. O jornal enfatiza no final do texto que estes são atos edificantes e consoladores que devem ser imitados “pois é assim que a família deve socorrer seus queridos entes na tremenda passagem à eternidade”, e finaliza prestando singelas condolências à enlutada família.

O necrológio de Augusto Cezar de Leivas foi encontrado no arquivo do Instituto Histórico de Jaguarão. Trata-se de um recorte do jornal *Rio Grande*. É um longo texto que inicia contando onde e como foi a morte e logo após uma pequena biografia sobre sua vida familiar e comercial. O texto fala também sobre a cerimônia de sepultamento ter sido de primeira classe. O jornal fala com “apresso, estima e consideração” e com grande pesar ter que passar a notícia dolorosa do falecimento deste “distinto cavalheiro” e utiliza diversos adjetivos e qualidades exaltando-o como “figura de grande relevo”, “dedicado amigo” e “coração sempre voltado para o bem”.

Um dia após a morte de Pedro Frederico Rache, o jornal *A Situação* publica a triste notícia de seu falecimento. O jornal expressa a infelicidade de todos que tomaram conhecimento e foram à casa do falecido, todos que levaram suas condolências a viúva. Expressa também o sofrer da “Sociedade Jaguareense” e do “Partido Republicano” por ter perdido um de seus mais fiéis servidores. Logo após continua a homenagem falando sobre as qualidades de cidadão exemplar íntegro e ímpoluto, dando a entender que teve uma vida social e política pura e sem manchas de “uma bondade infinita”, “exemplo de cidadão e chefe de família”. Outros elogios sobre o triunfo comercial e político, com palavras como “laborioso” dando a entender que era esforçado para o trabalho, “enfibratura de aço” significando firmeza de caráter e de uma bondade infinita que trabalhou desde moço e conquistou o que tinha por mérito de seu próprio esforço.

O texto ressalta a sua trajetória política mostrando, que em toda sua vida foi um republicano convicto e exaltado e que trabalhou em prol do advento da república, ainda muito antes da sua proclamação. Fala das qualidades imemoráveis de quando Rache foi presidente do conselho municipal e depois intendente do município, venerável honra da Loja Maçônica Luz Transatlântica, e também benemérito de várias instituições de beneficência, “sempre pronto para fazer o bem”. Os elogios do jornal seguem durante todo o texto, e o jornal ainda ressalta que em seu túmulo deveriam ser escrita as palavras: “viveu uma vida de trabalho, fazendo o bem a humanidade. Seguí seu exemplo!”.

Mais no final do texto fala sobre a cerimônia de sepultamento, que foi realizada na loja maçônica onde foram prestadas as últimas homenagens e um “magnífico discurso” público em louvor ao indivíduo e resenhando uma biografia do autor sempre elogiando seus feitos.

O necrológio de Gabriel Gonçalves da Silva, publicado no *Jornal do Dia* (RS) de 1959, a nota de falecimento, demonstra pesar em passar a triste notícia sobre o falecimento em Jaguarão, de Gabriel. A nota inicia homenageando com vários adjetivos e frases como “ilustre”, “ocupava posição de maior relevo”, “digno cidadão” e “chefe de família”. Ressaltando também sua atuação como “filantropo” (aquele que pratica ações humanitárias), principalmente a frente do benemérito “Asilo de Órfãs: Felisbina Leivas”, durante muitos anos. Ressalta também a genealogia familiar de Gabriel Gonçalves da Silva, descrevendo-o como “melhor estirpe rio-grandense”, por ser sobrinho-neto de Bento Gonçalves da Silva.

A nota também ressalta a sua atuação política, que desde sua juventude participou de movimentos políticos partidários no Rio Grande do Sul, na propaganda da consolidação do regime republicano, e sobre o fato dele ter sido chefe político de longo prestígio. Também sobre ele ser integrante do partido republicano riograndense e amigo dedicado e leal de Júlio de Castilhos, tendo atuado na revolução de 1893, como oficial das forças governistas organizadas na fronteira sul do estado. Sobre ele ter exercido também o cargo de intendente municipal em Jaguarão, sendo um “administrador operoso, capaz e progressista”, e militou no partido republicano liberal. É ressaltado também o fato dele ter sido um dos grandes pecuaristas, tendo destaque nos círculos rurais nas plantações orizícolas (plantações de arroz), que trouxeram resultados eloquentes para opulência econômica.

No final da nota há um encerramento com diversos adjetivos sobre o indivíduo, descrevendo-o como cívico e de “dignidade pública e privada”, e colocam um pedido, que avisem a família sobre a “justa homenagem” que foi solicitada em votação na assembleia legislativa finalizando com a seguinte frase:” se aprovada, pedimos se dê ciência a digníssima família enlutada residente em Jaguarão”.

Os necrológios, anúncios de falecimento e homenagens fúnebres analisados são sobre indivíduos distintos, vultos da comunidade jaguareense, por esse motivo são considerados discursos de grupos e sujeitos privilegiados que recebem homenagens que preservam a memória individual característica do grupo social a que pertencem, em que havia a necessidade de deixar registrada e preservada a memória seja em museus, arquivos públicos, cemitérios e até mesmo em jornais. Deixam registradas representações de memória, que Regina Abreu (1996), em seu livro *A Fabricação do Imortal*, analisa no contexto dos museus, e mostra que os objetos trazem informações sobre os grupos sociais e que “os discursos por

ocasião de enterro e biografias são algumas das formas de manter a memória do indivíduo. Memória que, diga-se de passagem, é construída item por item” (ABREU, 1996: 67).

Nos necrológios de Carlos Barbosa e nas inúmeras homenagens que recebeu por vários dias após a sua morte, com textos memorialísticos e biografias no jornal local *A Situação*, e todos os textos necrológicos e homenagens analisadas neste trabalho, ressaltam a importância e os feitos destes indivíduos, textos que destacam sua atuação política e seus engajamentos em espaços sociais, econômicos, beneficentes e religiosos. De acordo com Regina Abreu (1996), quando fala sobre a nobreza brasileira imortalizar-se nos museus, com a exposição de objetos que demonstravam destaque e prestígio, objetos que muitas vezes demonstravam a vida deste grupo social e as alianças estabelecidas ao longo da vida, muitas vezes expressando a representação do sujeito, ele também mostra as estratégias desse grupo social. Estas mesmas estratégias percebemos nos necrológios e homenagens analisadas neste trabalho, que parecem ter o objetivo de imortalizar os feitos destes indivíduos.

estratégias educativas, sucessórias, de aliança dos agentes e das famílias, nas práticas, regulares ou episódicas, as mais diversas: trabalho voluntário, esporte, política e mais ainda nos *habitus* desigualdades predispostos e treinados para desenvolver e fortalecer essas crenças (ABREU 1996: 63).

Além de imortalizar estes indivíduos, estes textos têm outros objetivos práticos de prestar homenagem, aviso do falecimento, agradecimentos e pêsames aos familiares. Mas, além disso, existe uma carga simbólica nestes textos, que talvez tenham o objetivo de construir uma realidade socialmente determinada pelos interesses da classe dominante, que impõe significados como legítimos para obter reconhecimento simbólico, prestígio e fortalecimento da elite (BOURDIEU, 1989; ABREU, 1996). Segundo Andrade:

Ao entender que existem várias regras sociais que condicionam o modo de viver, é possível que estas venham a interferir no modo de morrer, ou mesmo, no modo como a sociedade idealiza a morte. Assim, da mesma maneira que a cultura tem em sua representação elementos dominantes, os quais apontam os comportamentos na forma de se comunicar e de viver em sociedade, as práticas diante da evidência da morte e como os vivos lidam com ela, também possuem uma carga simbólica que revela as ideologias contidas em uma sociedade em determinado tempo (ANDRADE 2017:12).

Estas representações simbólicas traduzem a ideologia dominante da sociedade, elementos que aparecem e desaparecem até os dias presentes. Refletir sobre essas práticas de discursos pós-morte da primeira metade do século XX, é também uma reflexão sobre a

própria vida e de como a sociedade lidava e lida com as práticas que envolvem a morte. Este trabalho pretende compreender os aspectos da construção de memórias e representações de vultos históricos em que nos discursos da imprensa serviam como exemplo de vida e até mesmo de morte para os vivos. Pois para essa sociedade, preparar e redimir o morto para um bom lugar na terra e na eternidade, assim como vimos no necrológio de Zeferino Moura, era um exemplo que devia ser seguido pela sociedade, praticas religiosas diante da morte com rituais e cuidados com o morto de influência cristã católica sobre a vida após a morte que fazem parte de comportamentos tradicionais.

Notou-se também que a imprensa, até mesmo nos necrológios, demonstra ter estreita relação com a política, pois em todos os necrológicos analisados é enfatizado os feitos e a fidelidade para com o Partido Republicano. Os necrológicos também ressaltam a imagem dos indivíduos como trabalhadores, esforçados e merecedores de seu próprio mérito, omitindo as falhas dos indivíduos e reforçando uma memória positiva dos personagens e conforme destacado na introdução deste trabalho, sua importância.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado visou mostrar algumas interpretações sobre o discurso social, religioso, cultural e político no ambiente cemiterial com o objetivo de compreender como esse grupo representava sua importância após a morte, pois estes estão enterrados em um cemitério que é conhecido pela comunidade como “cemitério dos ricos<sup>29</sup>”. Partiu-se do fato de que os jazigos e mausoléus são construções feitas em um determinado período e que estas podem falar sobre esse tempo, mesmo que não tenham sido construídas para isso. Através desta análise podemos perceber como se dava a representação social, cultural, religiosa e política desse grupo nesse ambiente.

A maioria dos símbolos encontrados são símbolos cristãos, por se tratar de um cemitério católico, mas também demonstra o papel importante que tinha a religião e a igreja católica. Percebe-se que, no Cemitério das Irmandades de Jaguarão, não há uma tendência predominante quanto à arte, pois se trata de um conjunto eclético, onde ocorre uma preferência pela arte em estilo eclético e também neoclássico-grego-romano, mas não do romantismo na busca de heróis, como no cemitério da Santa Casa de Porto Alegre podemos ver nos túmulos de Júlio de Castilhos e de Pinheiro Machado, em que podem ser observadas diversas características republicanas positivistas. Existe um conjunto de fatores que poderia ter levado o Cemitério das Irmandades de Jaguarão a ter passado por influências republicanas positivistas. Porém os jazigos dos membros do Partido Republicano que foram analisados, apesar de alguns terem sido intendentess da cidade e um destes chegar a ser presidente do estado, e que poderia ter uma representação simbólica do poder no ambiente cemiterial em seu jazigo, seguindo, assim, o plano ideológico positivista de glorificar e ter líderes locais para a construção de uma identidade política e ideológica, não foram encontradas tais características nos jazigos analisados.

Outro fator que pode ser observado, são os espaços de distinção social dentro do ambiente cemiterial. Além de ser um cemitério particular e considerado lugar onde se enterra pessoas que tinham maior poder econômico, percebemos que não existe uma padronização ou simplicidade nos túmulos analisados. Há uma distinção tumular no ambiente, pois existem jazigos simples e pequenos, sem informações sobre o indivíduo enterrado, que são dos que teriam poder aquisitivo menor, gerando uma estratificação social nesse ambiente, com lugares mais cobiçados, pois os maiores jazigos e mausoléus que estão nas avenidas principais são

---

<sup>29</sup> Ditos populares: até hoje o cemitério é conhecido como cemitério dos ricos enquanto o “Cemitério Municipal” é conhecido como cemitério dos pobres. Isso também demonstra uma estratificação social, pois dependendo de qual cemitério os personagens estão enterrados, sabe-se a posição social e econômica do indivíduo.

maiores e mais ornamentados. Tais lugares eram destinados a alguns privilegiados, geralmente quem obtinha condições financeiras de pagar por esses lugares de destaque para conservação da memória das camadas mais afortunadas, lugares onde podem ser notados e admirados.

Eneste trabalho e a análise dos túmulos, fotos tumulares, símbolos, datas e nomes, nos levaram a conhecer a atuação dessa geração e o processo histórico local, levando também em conta que a memória coletiva é fundamental nos processos de formação de identidades. Todos esses símbolos encontrados nos túmulos, a maioria cristãos, mostra a religiosidade local e as relações da morte com a religião, as crenças sobre bem morrer e bom lugar na eternidade, revelando também suas devoções, “pois quando a família escolhe uma estátua de cristo, de algum santo e insere outros elementos da fé cristã, está reafirmando sua crença religiosa ou da comunidade em que vive”. Também foi possível ser analisadas as preferências particulares e públicas, com as expressões e gostos sobre a arquitetura da época (ARAÚJO, 2008:71).

Não foi possível encontrar manifestações de expressões de ideologias políticas, não há inscrições que representem uma ideologia política particular, nem bustos, estátuas celebrativas das lideranças locais. Também não foram encontradas obras de arte assinadas por artistas renomados, mas foi possível encontrar expressões de pertencimento social, com expressões que revelam aspectos culturais nos quais a sociedade está inserida, contextos socioeconômicos, que enaltecem a elite jaguareense, através da quantidade de túmulos suntuosos, que marcam identidades de indivíduos em particular. Também foi possível notar a geografia social do cemitério, em que os que têm maior capital econômico, têm seus túmulos em áreas de destaque nas principais ruas.

Tenho em vista que esta pesquisa será uma ferramenta importante para potencializar, impulsionar e instigar o conhecimento sobre o discurso histórico inserido nos jazigos e mausoléus, que ainda não recebem a devida valorização pela população, pois a maior parte da comunidade ainda os desconhece. Este trabalho fica em aberto para pesquisas futuras, pois existem outros jazigos e mausoléus que merecem um estudo aprofundado como este, como exemplo, túmulos do período imperial, túmulos de indivíduos negros do período da escravidão e de outras etnias que existem nesse ambiente.

Com base nesta análise, podemos afirmar que o cemitério é uma fonte, assim como um arquivo, onde podemos colher informações sobre indivíduos e sobre a sociedade em que estes viviam, podendo este ser considerado um meio de entender o discurso social, cultural, político

e religioso do dado período e também as diferenciações evidenciadas de poder simbólico e capital econômico (ARAÚJO, 2008).

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A fabricação do Imortal**. Rio de Janeiro: LAPA, 1996.

AIRÈS, Philippe. “Del sentimiento moderno de la familia em los testamentos y las tumbas”. In: **História de la muerte em occidente**. In. **Desde la edad media hasta nuestros dias**. Barcelona, Editora: El Acantilado. 2000.

ANDRADE, Suelayne Oliveira et al. "Capitolino, um artista typographo e seu morrer": o jornal Folha de Sergipe e os anúncios necrológicos (1886-1895). 2017.

BELLOMO, Harry R (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

BITAR, Larissa. **Turismo Cultural em Jaguarão: Valorização do Cemitério das Irmandades**. Anuário de Produção Científica dos cursos de pós graduação Anhanguera. Vol. 1, Nº 1, 2012.

BLUME, Sandro. “A dor dos enlutados e a consagração do falecido: discursos e relatos contidos em necrológicos”. In: **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: Recortes do cotidiano**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

BORDIEU, Pierre. “O poder simbólico”. In: **O poder simbólico**. 3ª Edição, São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil: contribuições para a historiografia da arte brasileira**. In: CBHA, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O Imaginário da Republica no Brasil**. São Paulo. Companhia de Letras, 1990.

CHARÃO, Egiselda Brum. O sagrado eo profano nos cemitérios de Bagé/RS. **Revista Digital Estudios Historicos**, n. 2, p. 10, 2009.

CUNHA, Carlos Otoniel Pacheco da. “Moço, inteligente e médico de competência notável”: antecedentes da trajetória política republicana de Carlos Barbosa Gonçalves (segunda metade do século XIX). 2018.

DA CRUZ, Glauco Ricciele Prado Lemes et al. **DISCURSO E CULTURA NA ARTE TUMULAR: ESTUDO SEMIÓTICO, ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA**. Acta Semiótica et Lingvistica, v. 19, n. 1, 2014.

DE ARAÚJO, Thiago Nicolau. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930)**. Porto Alegre. EdiPUCRS, 2008.

DE OLIVEIRA LORENZONI, Hélade. **O ECLÉTICO**.2015.

DEL PUERTO, Charlene Brum; SILVA, Alice Leoti; CUNHA, Gustavo Rezende. Turismo no Cemitério das Irmandades em Jaguarão/RS-Brasil: um projeto de ensino para desenvolvimento do turismo no espaço cemiterial. **RELA Cult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, 2018.

DO PRADO VALLADARES, Clarival. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Departamento de Imprensa Nacional, 1972.

ENSSLIN, Lidiane Corrêa. Ecletismo arquitetônico em Jaguarão: Um estudo [1870-1940]. 2005.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e coisas da Fronteira Sul: ensaios históricos**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987.

DIAS, Pollyanna D.ª Avila. O século XIX e o neogótico na Arquitetura brasileira: um estudo de caracterização. **Revista Ohun**, n. 4, p. 100-115, 2008.

ISMÉRIO, Clarisse. **Sarau Noturno: contando a história da cidade de Bagé/RS/Brasil sob o olhar da arte cemiterial**. 1o. ed. Lisboa: Chiado Editora, 2016.

ISMÉRIO, Clarisse. “Um outro olhar sobre os cemitérios: refletindo à arte cemiterial sob a perspectiva das pesquisas, ações, passeios e eventos culturais. In: **Revista de Teoria da História**, Volume 18, Número 2, Dezembro, 2017.

MARTINY, Carina. Entre chefe e correligionários: negociação, hierarquia e mobilidade social na Primeira República (Rio Grande do Sul, 1899-1900). **Revista Latino-Americana de História-UNISINOS**, v. 3, n. 11, p. 131-142, 2014.

MOTTA, Antonio. **À Flor da Pedra: Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Massangana, 2009.

MOURA, Raissa Souza de. **Cemitério das Irmandades de Jaguarão-RS: Uma proposta de tour turístico valorizando a simbologia e a arte cemiterial**. Projeto Aplicado I. UNIPAMPA: 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC/SP, n.10, 1993.

NORONHA, Andrius Estevam. Dados biográficos do extinto”: análise das fontes para o estudo prosopográfico de elites locais (os necrológios). **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, XI**, p. 69-78, 2012.

PACHECO, A; Matos, B. A. **Cemitérios e Meio ambiente**. Revista Tecnologias do meio ambiente. Lisboa. Ano 7, n 15.

PANOFSKY, Erwin. **Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença**. In: Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65.

SANTOS, Vagner Pacheco dos. **Caminhando através da história**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

SOARES, Eduardo Alvares de Souza. **Igreja Matriz do Divino Espirito Santo da Cidade de Jaguarão**, Porto Alegre: Evangraf, 2011.

SOARES, Eduardo Álvares de Souza; FRANCO, Sérgio da Costa. Olhares sobre Jaguarão. **Porto Alegre: Evangraf**, 2010.

VALLADARES, C. P. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Brasília: MEC-RJ, 1972.

#### **FONTES:**

Jornal “Rio Grande” de 21 de julho de 1926. Disponível: Acervo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Jornal local de Jaguarão “A Situação” de 17 de janeiro de 1931. Disponível: Acervo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Jornal local de Jaguarão “A Situação” de 17 de setembro de 1929. Disponível: Acervo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Jornal estadual “A federação: Orgam do Partido Republicano (RS), de 13 de abril de 1933. P. 1. Disponível: Hemeroteca digital.

Link de acesso:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pesq=Carlos%20Barbosa&pasta=ano%20193>

Jornal estadual “A federação: Orgam do Partido Republicano (RS), de 4 de junho de 1959. P. 6. Disponível: Hemeroteca Digital. Link de acesso:







<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098230&pasta=ano%20195&pesq=Gabriel%20Gon%C3%A7alves%20da%20Silva>

## APÊNDICES

### APÊNDICE A- TABELA DE FOTOS DO CEMITÉRIO DAS IRMANDADES







<p><b>FIGURA 1: Entrada do Cemitério das Irmandades.</b></p>	<p><b>FIGURA 2: Divisão Irmandade do Sacramento</b></p>
 <p>A photograph showing the entrance to the Cemitério das Irmandades. It features a large, ornate stone archway with a cross on top. To the left, there is a sign with a red background and white text. The sky is blue with some clouds.</p>	 <p>A photograph of a stone monument or division for the Irmandade do Sacramento. It is highly ornate, featuring a central cross, a globe on top, and intricate carvings. The background is a clear blue sky.</p>
<p><b>Fonte: Acervo próprio.</b></p>	<p><b>Fonte: Acervo próprio.</b></p>
<p><b>FIGURA 3: Divisão Irmandade da Conceição.</b></p>	<p><b>FIGURA 4: Placa Acatólicos.</b></p>
 <p>A photograph of a stone monument for the Irmandade da Conceição. It features a central cross, a globe on top, and a figure on the left. The word 'CONCEIÇÃO' is visible on the monument. The background is a clear blue sky.</p>	 <p>A photograph of a stone plaque for the Acatólicos. It is a shield-shaped monument with the word 'JAZIGO' at the top and 'ACATÓLICOS' below it. The plaque is mounted on a wall.</p>
<p><b>Fonte: Acervo próprio.</b></p>	<p><b>Fonte: Acervo Instituto Histórico e Geográfico. Foto: Acervo próprio.</b></p>
<p><b>FIGURA 5: Diversidade arquitetônica e tipológica.</b></p>	<p><b>FIGURA 6: Alameda principal.</b></p>

	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 7: Mausoléu família Carlos Barbosa.</b></p>	<p><b>FIGURA 8: Localização do Mausoléu de Barbosa ao lado da Capela.</b></p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 9: Coluna frustre frisado e capitel estilo coríntio mausoléu Barbosa.</b></p>	<p><b>FIGURA 10: Portal mausoléu Barbosa.</b></p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 11: Interior Mausoléu família Carlos Barbosa.</b></p>	<p><b>FIGURA 12: XP mausoléu Carlos Barbosa.</b></p>

	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 13: Cruz latina mausoléu Carlos Barbosa.</b></p>	<p><b>FIGURA 14: Jazigo família Augusto Leivas.</b></p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 15: Capitel estilo coríntio e frustre frisado jazigo família Leivas.</b></p>	<p><b>FIGURA 16: Epítafio Pretextato Leivas.</b></p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 17: Foto casal Felisbina e Pretextato Leivas.</b></p>	<p><b>FIGURA 18: Coluna frustre liso com capitel estilo coríntio.</b></p>

	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p>FIGURA 19: Palma e Cruz, jazigo família Leivas.</p>	<p>FIGURA 20: Homenagem do cemitério para Augusto Leivas.</p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p>FIGURA 21: Jazigo Pedro Frederico Rache.</p>	<p>FIGURA 22: Capitel estilo coríntio, coluna frustre liso, jazigo Rache.</p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p>FIGURA 23: Foto do casal Rache.</p>	<p>FIGURA 24: Ramos de palmas, Alegoria anjo, vaso vazio, cruz, flores, fogo saturo, PAX VOBIS, jazigo Pedro Rache.</p>

	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 25:</b> Jazigo Lauriana Cândida de Moura.</p>	<p><b>FIGURA 26:</b> Foto Zeferino Lopez de Moura, jazigo Lauriana.</p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 27:</b> Lugar foto casal, laço com flores, jazigo Lauriana de Moura.</p>	<p><b>FIGURA 28:</b> Colunas capitel estilo coríntio, jazigo Lauriana de Moura.</p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 29:</b> Mausoléu Gabriel Gonçalves da Silva.</p>	<p><b>FIGURA 30:</b> lapide fotos do casal Gabriel e Celínea Marques da Silva e de seu filho Gabriel Marques da Silva.</p>

	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 31: Obelisco com flores, mausoléu Gabriel Gonçalves da Silva.</b></p>	<p><b>FIGURA 32: Cruz com coroa de flores, mausoléu Gabriel Gonçalves da Silva.</b></p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo próprio.</p>
<p><b>FIGURA 33: Capitel da coluna estilo coríntio, mausoléu Gabriel Gonçalves da Silva.</b></p>	<p><b>FIGURA 34: Alegoria feminina.</b></p>
	
<p>Fonte: Acervo próprio.</p>	<p>Fonte: Acervo Próprio</p>
<p><b>FIGURA 35: Necrológio Carlos Barbosa.</b></p>	<p><b>FIGURA 36: Nota de falecimento Zeferino Lopez de Moura.</b></p>



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

FIGURA 37: Necrologio Zeferino Lopez de Moura.



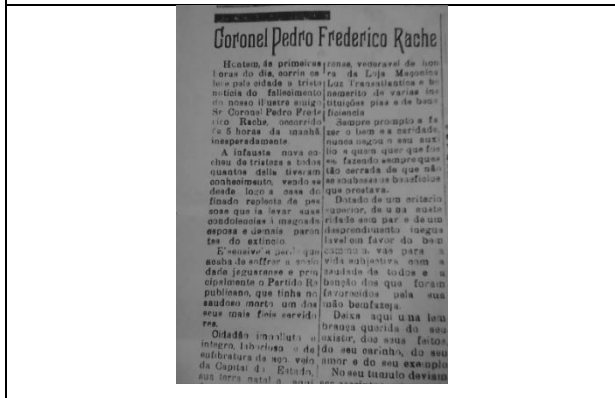
Fonte: Acervo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

FIGURA 38: Necrologio de Augusto Cesar de Leivas.

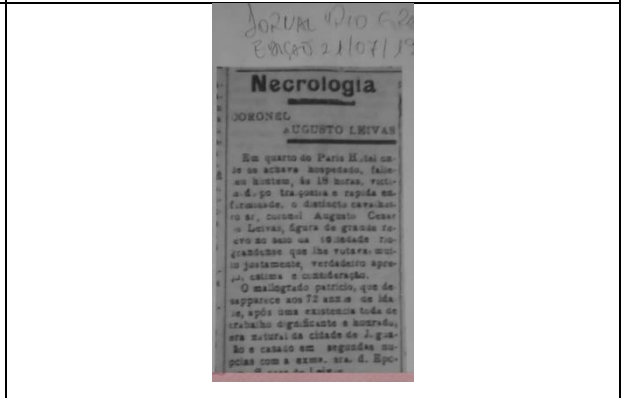


Fonte: Acervo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. Foto: Cedida pelo Prf. Caiuá Cardoso Al-Alam.

FIGURA 39: Nota Fúnebre Pedro Frederico Rache.



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.



Fonte: Instituto histórico e Geográfico de Jaguarão.

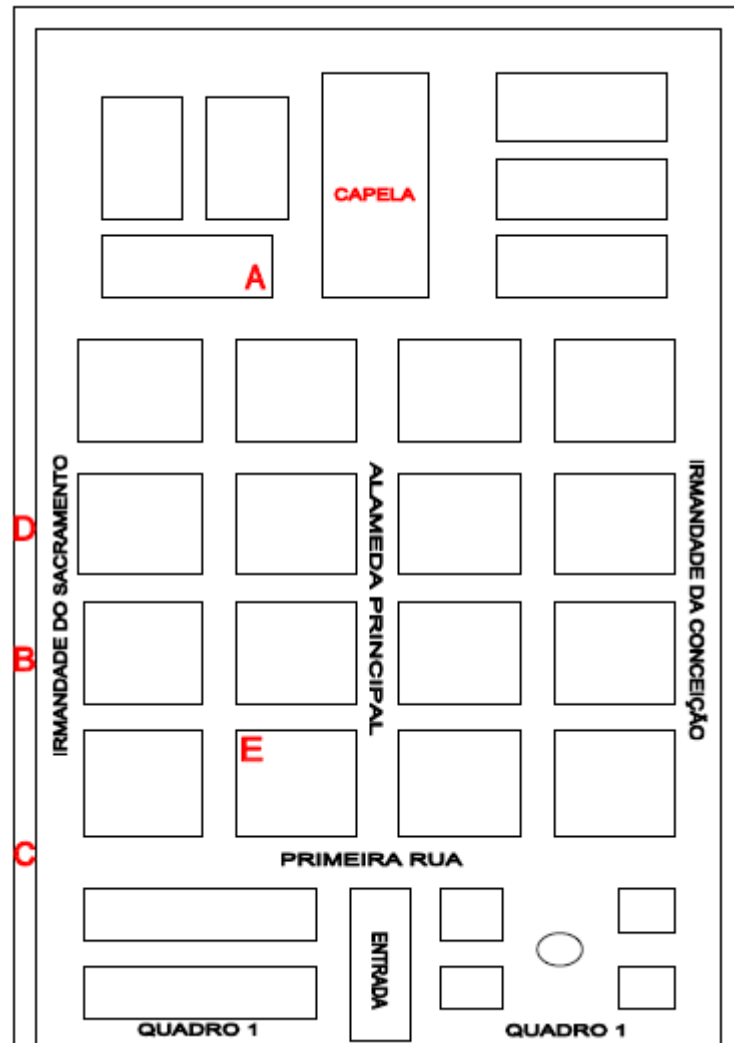
FIGURA 40: Nota de pesar sobre falecimento de Gabriel Gonçalves da Silva.



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

## ANEXOS

## ANEXO A

**Esboço planta baixa da parte mais antiga do cemitério.**

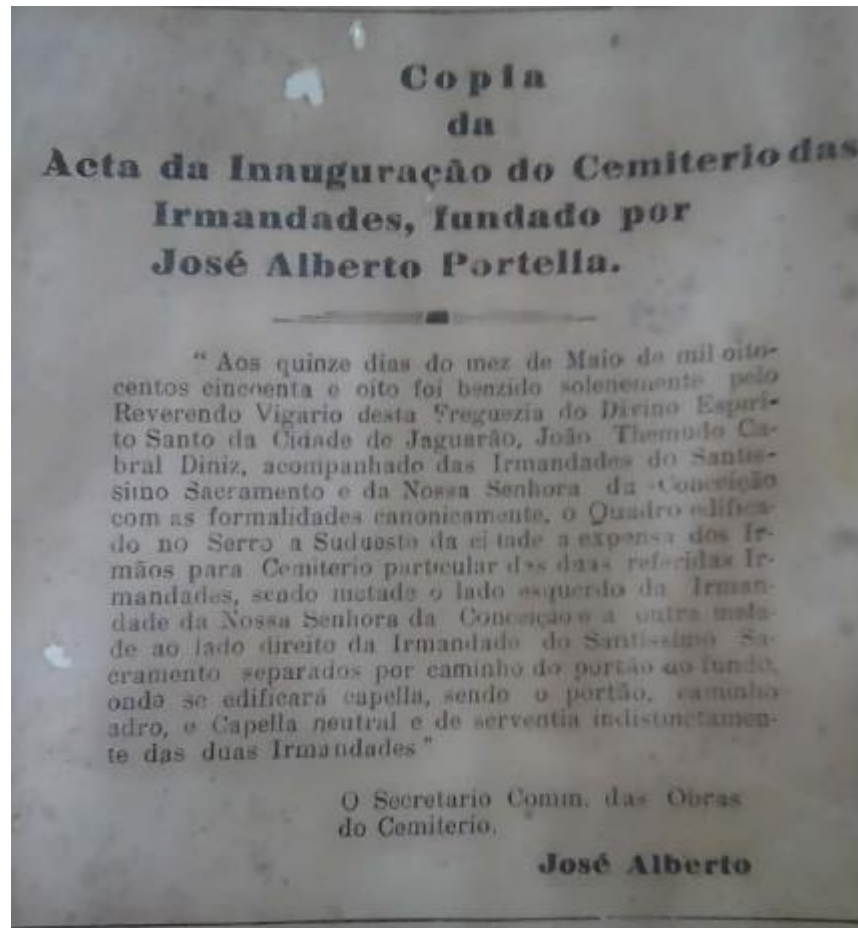
**Fonte: Idealizado pela autora e produzido por Daniel Machado.**

Este esboço da planta do Cemitério das Irmandades, foi baseado em outro que consta no Projeto Aplicado de Raíssa Souza de Moura (2015). Este foi feito com o objetivo de demonstrar a localização dos túmulos analisados neste trabalho. Sendo que cada letra representará cada um destes, a letra (A) é onde está localizado o mausoléu da família Carlos Barbosa, a letra (B) o jazigo da família Leivas, a letra (C) o jazigo de Pedro Frederico Rache, letra (D) o jazigo de Lauriana Cândida de Moura e a letra (E) o mausoléu da família de Gabriel Gonçalves da Silva. Neste esboço podemos ver como é a organização do Cemitério das Irmandades, nas laterais da entrada hoje existem alguns túmulos mais recentes do que os

analisados e alguns que foram construídos e estão disponíveis para venda, estes foram construídos na parte da frente do cemitério onde antes disso era um jardim, estes são os mais caros, na parte a direita ainda existe uma parte do jardim e um chafariz (quadros 1). Logo depois da entrada vemos a alameda principal e ao final a capela, a direita a parte referente a Irmandade do Sacramento e a esquerda a Irmandade da Conceição.

## ANEXO B

Cópia da ata de inauguração do Cemitério das Irmandades



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

Foto: acervo próprio

## ANEXO C

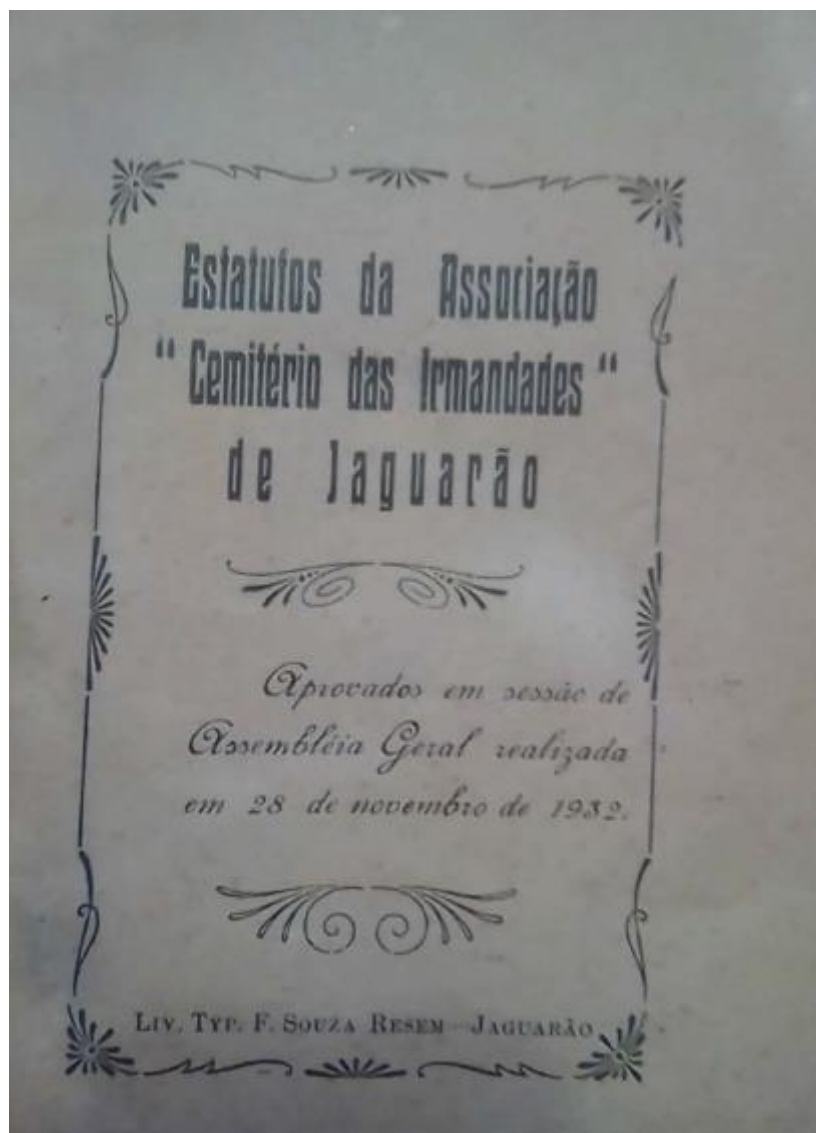
## Símbolos presentes nos cemitérios.

Símbolo	Significado
Cachorro	Guardiões da alma, sinal de lealdade ou companheiros que representaram em vida.
Anjos	Como alegoria, demonstram vários sentimentos como: desolação, êxtase, alegria, tristeza.
Mãos	Significa a união. Nos povos incaicos representa a morte.
XP	Abreviação de Cristo. Em grego: Xispito.
Serpente	O fim do pecado original, além do ódio e a inveja e também a profissão do farmacêutico.
Cruz Latina	Sorte e esperança, representando o sacrifício e o sofrimento – a morte através da crucificação de Cristo.
Tocha	Carrega o fogo que simboliza a traição, desta forma, representa a paixão.
Cálice	Representa os Sacramentos Cristãos.
Cruz Pontaguda	Alusão à Trindade do Cristianismo.
Âncora	Uso feito pelos católicos, em função do período de perseguição aos cristãos eles a utilizavam como código, pois ela parece com a cruz de Cristo.
Ampulheta	Simboliza o transcurso e o escoamento do tempo de vida. Também é encontrada associada a crânios e asas.
Palma	Para os antigos romanos é símbolo de vitória. Para os cristãos, significa a glorificação celestial, representando o triunfo dos mártires sobre a morte.
Coração	Um coração perfurado por objetos ou armas, representa a caridade, ou a profecia relacionada ao nascimento de Cristo.
Vaso	O vaso vazio representa o corpo sem alma; vaso com pássaro pousado na borda representa a eterna felicidade.
Coroa	Marca da vitória ou da distinção. Indica também uma condição de nobreza.
Girassol	Simboliza a fé em Cristo.
Grinalda/Guirlanda	A grinalda de rosa representa a beleza e virtudes do falecido. Representa também a vitória, ou redenção no Cristianismo.
Estrela de seis pontas	Conhecida como Estrela de David, é um símbolo tipicamente Judeu.
Obelisco	Enaltece o falecido e simboliza a grandeza faraônica.

Fonte: Elaborado por Raíssa Souza de Moura com base em Rezende (2007), Oliveira et al (2014) e Spectrum (2014).

## ANEXO D

Capa estatuto da Associação Cemitério das Irmandades de Jaguarão.



Fonte: Arquivo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Estatuto da Associação das Irmandades de Jaguarão, aprovado em sessão de assembleia geral realizado em 28 de novembro de 1932, o estatuto é dividido em 62 artigos em 16 folhas. Podemos destacar alguns aspectos contidos no estatuto, o ano da inauguração do cemitério 1858 e a reorganização deste em 1º de outubro de 1926. Seus sócios são denominados irmãos sem distinção de sexo ou nacionalidade. Considera-se irmãos os fundadores e os atuais proprietários de mausoléus, as pessoas que contribuem com a joia de sessenta mil réis a mensalidade até 1897, e as pessoas que contribuem com a joia de um conto de réis. A diretoria é composta por um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro, um zelador e uma comissão de contas constituída por três membros, sendo todos eleitos pela maioria dos associados em assembleia geral, com mandado de três anos, tendo a

possibilidade de ser reeleito. Um fator analisado nos artigos 22, 23, 24 e 25, chamou a atenção:

Art.22 – Pela imprensa serão notificados os interessados, logo que findar o prazo da concessão, e, decorridos trinta dias, sem que providências sejam tomadas, reserva-se a administração o direito de demolir todas as obras existentes.

Art. 23- Os materiais retirados das sepulturas (art. Anterior) serão conservados por um ano por conta do proprietário, que os receberá, mediante o pagamento de R\$ 10\$000 pelas despesas de demolição e conservação.

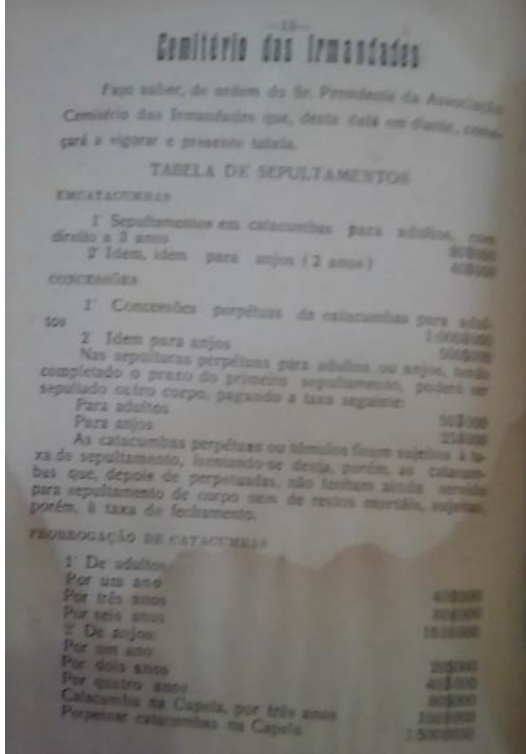
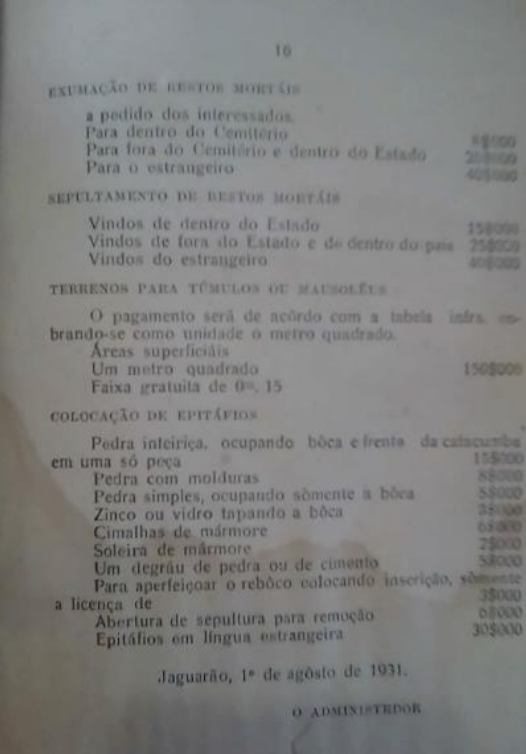
Art.24- Findo esse prazo, desde que os restos mortais não sejam reclamados por quem de direito, recolher-se-ão ao depósito geral.

Art.25- Os restos de homens célebres, não havendo quem legitimamente os reclame, serão conservados em urnas, colocadas em lugar distinto. (Estatuto da Associação dos Cemitérios das Irmandades pg. 7)

Mais um fator que demonstra a desigualdade no ambiente cemiterial, pois como vimos nos artigo 24, vimos que após o prazo das conseqüências os corpos que não fossem reclamados pelos familiares ou por quem tivesse direito, recolhe-se em depósitos coletivo. Já os restos de “Homens célebres” como está no art. 25, eram conservados em urnas colocadas em um “lugar distinto”.

## ANEXO E

Tabela de preços do estatuto do cemitério das Irmandades.

Foto: Estatuto Cemitério das Irmandades. Pg. 15.	Foto: Estatuto Cemitério das Irmandades. Pg. 16.
 <p><i>Comitério das Irmandades</i></p> <p>Fago saber, de ordem do Sr. Presidente da Associação Cemitério das Irmandades que, desta data em diante, começará a vigorar a presente tabela.</p> <p><b>TABELA DE SEPULTAMENTOS</b></p> <p><b>ENCATAUMBAS</b></p> <p>1° Sepultamentos em catacumbas para adultos, com direito a 3 annos 1.000\$000</p> <p>2° Idem, idem para anjos (2 annos) 900\$000</p> <p><b>CONCESSÕES</b></p> <p>1° Concessões perpétuas de catacumbas para adultos 1.000\$000</p> <p>2° Idem para anjos 500\$000</p> <p>Nas sepulturas perpétuas para adultos ou anjos, tendo completado o prazo do primeiro sepultamento, poderá ser sepultado outro corpo, pagando a taxa seguinte:</p> <p>Para adultos 50\$000</p> <p>Para anjos 25\$000</p> <p>As catacumbas perpétuas ou témporas ficam sujeitas à taxa de sepultamento, levantando-se desta, porém, as catacumbas que, depois de perpétuas, não tenham ainda servido para sepultamento de corpo sem de restos mortais, sujeitas, porém, à taxa de fechamento.</p> <p><b>PROLONGAÇÃO DE CATACUMBAS</b></p> <p>1° De adultos:</p> <p>Por um ano 40\$000</p> <p>Por três annos 90\$000</p> <p>Por seis annos 150\$000</p> <p>2° De anjos:</p> <p>Por um ano 20\$000</p> <p>Por dois annos 40\$000</p> <p>Por quatro annos 80\$000</p> <p>Catacumba na Capella, por três annos 100\$000</p> <p>Perpetuar catacumba na Capella 1.500\$000</p>	 <p>16</p> <p><b>EXUMAÇÃO DE RESTOS MORTAIS</b></p> <p>a pedido dos interessados.</p> <p>Para dentro do Cemitério 40\$000</p> <p>Para fora do Cemitério e dentro do Estado 200\$000</p> <p>Para o estrangeiro 400\$000</p> <p><b>SEPULTAMENTO DE RESTOS MORTAIS</b></p> <p>Vindos de dentro do Estado 150\$000</p> <p>Vindos de fora do Estado e de dentro do país 250\$000</p> <p>Vindos do estrangeiro 400\$000</p> <p><b>TERRENOS PARA TÚMULOS OU MAUSOLÉUS</b></p> <p>O pagamento será de acôrdo com a tabela infra, considerando-se como unidade o metro quadrado.</p> <p>Áreas superficiais</p> <p>Um metro quadrado 150\$000</p> <p>Faixa gratuita de 0<sup>m</sup>. 15</p> <p><b>COLOCAÇÃO DE EPITÁFIOS</b></p> <p>Pedra inteiriça, occupando bôca e fresta da catacumba em uma só peça 150\$000</p> <p>Pedra com molduras 80\$000</p> <p>Pedra simples, occupando somente a bôca 50\$000</p> <p>Zinco ou vidro tapando a bôca 25\$000</p> <p>Cimalhas de mármore 60\$000</p> <p>Soleira de mármore 2\$000</p> <p>Um degrau de pedra ou de cimento 50\$000</p> <p>Para aperfeiçoar o rebôco collocando inserção, somente a licença de 30\$000</p> <p>Abertura de sepultura para remoção 60\$000</p> <p>Epitáfios em lingua estrangeira 30\$000</p> <p>Jaguarão, 1<sup>a</sup> de agosto de 1931.</p> <p>O ADMINISTRADOR</p>
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.	Fonte: Instituto histórico e Geográfico de Jaguarão.

Nesta tabela de preços podemos ter mais ou menos uma noção do valor que custava para ser enterrado no Cemitério das Irmandades, pois de acordo com a tabela a catacumba para um adulto custava 1.000\$000 réis e para sepultar mais um corpo com o período de um ano, era cobrado mais 90\$000 réis, se o sepultamento dos restos mortais viesse de outro lugar do estado 15\$000 réis, os terrenos para tumbas e mausoléus tinha o custo de 150\$00 o metro quadrado e para colocação de epitáfio, pedra com moldura, degrau e etc. eram cobrado valores de 2\$000 a 30\$000 réis.